

Araujo Pereira

Carteira de um rapaz



1910

Livraria GUIMARÃES & C.ª

68, Rua de S. Roque, 70

LISBOA



Araujo Pereira

A. Fernando Pereira

Carteira
de um rapaz

op. u. com muito amor de

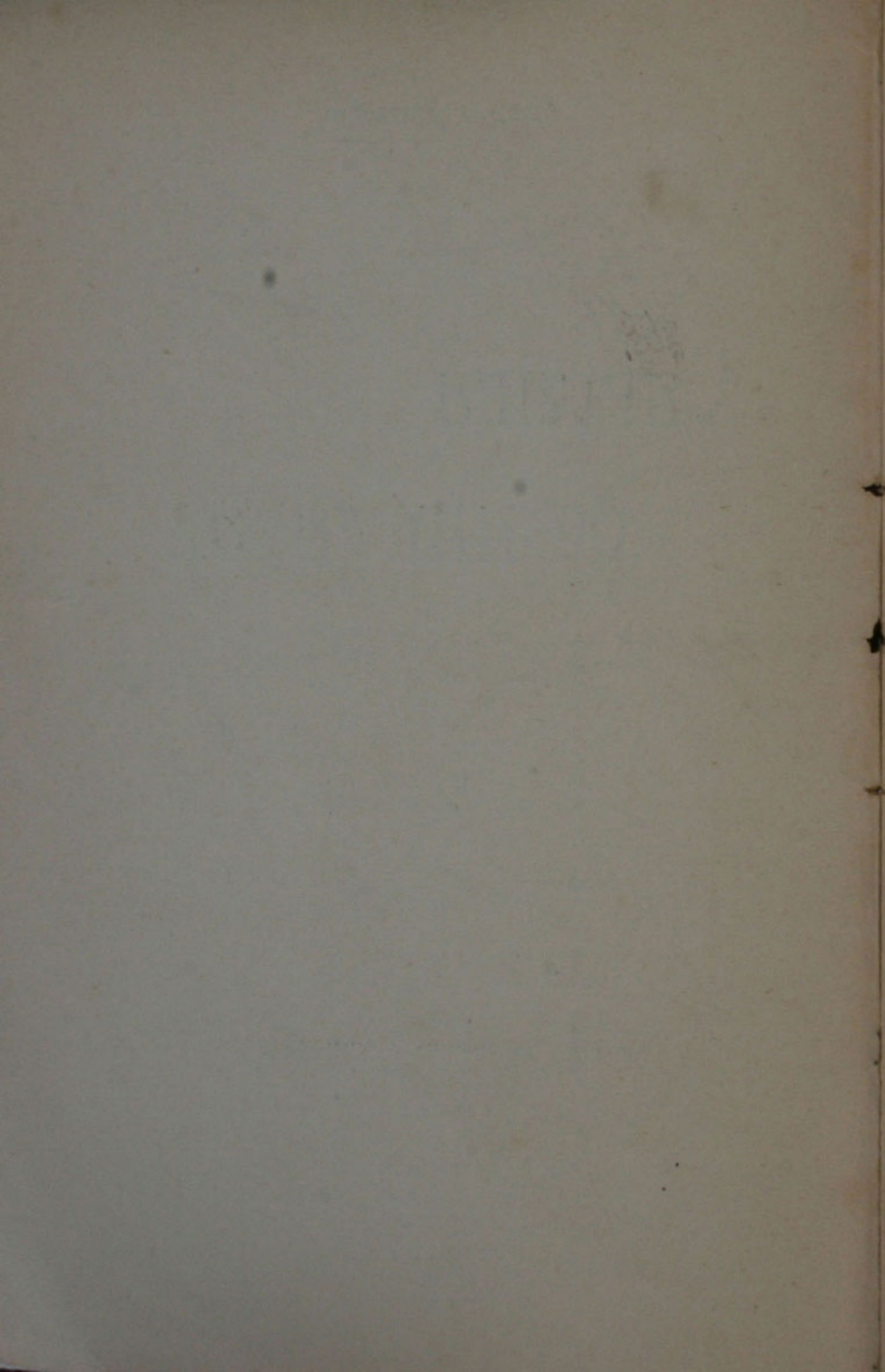


Araujo Pereira

LISBOA

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LUCAS
93, Rua do Diário de Notícias, 93

1910



A SEUS AMIGOS

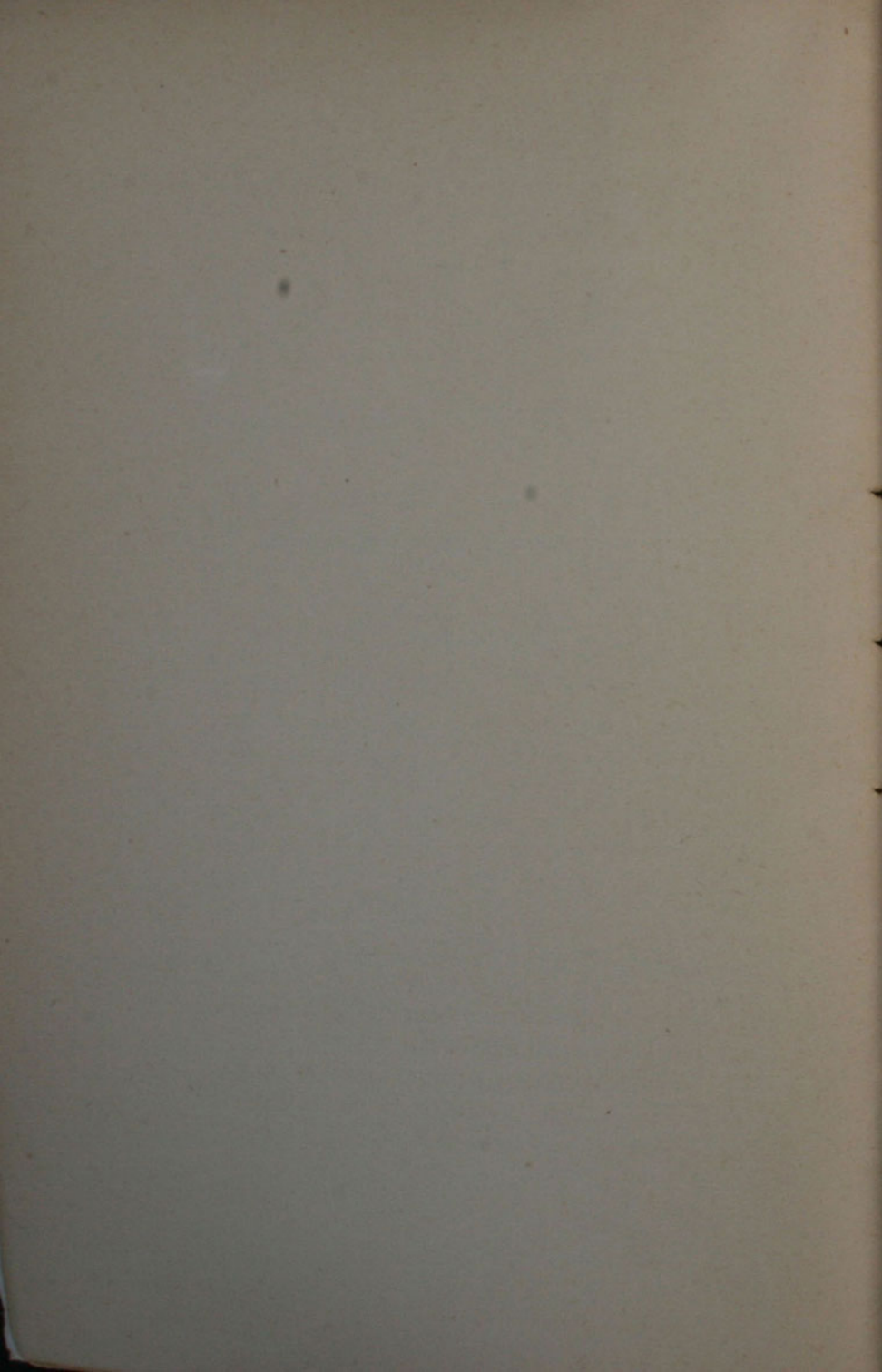
Amável de Medeiros Casanova

E

Manuel de Sousa Ventura

DÃ COM MUITA AMIZADE

O AUTOR.



À crítica

Das minhas ligeiras análises hei joeirado que não sois a anciã de límpida vista e tersa língua, mas a vèlhota desdentada, chilra, carcomida, cegueta, rabujenta, que não sabe o que quere, ora dizendo mal do bem, ora bem do mal. Imparcial, nunca.

Tendes achaques que todos os que vos intentam agradar, querem perceber e nenhum entende.

Sabei que ledes verdades, se me ledes; e do que ledes vos não vingueis porque aquelle que se vos dirige é como criança brincahona a arremessar-vos bolinhas de papel, em distância de medrosa.

Ora assestai os óculos na ponta do nariz encarvoçado de esturrinho, colocai a carantonha no cóncavo das mãos esmir-

radas e nodosas, e os afiados cotovêlos no regaço, qual vos dispondo à observação, olhai-me atenta, e logo vereis que estas pá-jinas são uma estreia.



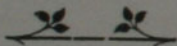
Diálogo

- O' Maria, dás-me um beijo ?
— Não, senhor.
— Com um se vai meu desejo . . .
— Sim ? melhor.
- De minha febre, Maria,
não tens dó ?
— Não é um beijo que a esfria,
um tam só . . .
- Mas se queres dar mais beijos
do que um só . . .
— Não são êsses meus desejos
dar por dó.
- Mas se vêes que por affecto
podes dar . . .
— O senhor não é objecto
de beijar.

Beijo só os pés de deus
em paixão,
e beijar os lábios seus
é questão . . .

— O! diz! é questão de quê?

— Ora veja :
é questão, pois já se vê,
de uma igreja.



Luz de sol

Dava-lhe vontade de não ter família, ser só, nem ter mãe ; nem mesmo até o pai que ela tanto estimava. Não desejava, porém, perdê-los na imensidade da morte ; desejava tam sómente não os ter conhecido, ser como enjeitada. Isso é que desejava. Se fosse só, seria livre como o vento, voaria aos braços do seu amor, que se sumia triste, sem ela.

Entardecia. O sol de abril doirava as mansardas, aureolava-as de tintas loiras. E ela olhava o Tejo, mais além, a barra. Perdia-se-lhe a vista de tanto a ficsar no horizonte feito do céu a beijar as ondas. Alguem se lhe apossimou.

— Que pensas, filha ?

— Na vida que me não deixam viver. Deram-ma, e triste ; todavia, uns olhos alegra-

ram-ma, mas a mãe quiere que eu não conheça a alegria da vida, e penso aonde foi buscar o direito de ma não deixar viver.

— Parece que estás na Lua.

— Parece; mas bem sabe que estou na Terra.

— Isso são modos de me responder?!

— São os modos que a mãe me deu. Consigo aprendi a viver, com êle a amar. A mãe deu-me a vida, êle o amor — a razão da vida. E a mãe proíbe que eu o ame, como se isto de amor fosse coisa de tirar daqui e pôr ali.

— Não te proíbo que o ames. . .

— E' a mesma coisa — proíbe que eu o acompanhe sempre. O amor quiere a pessoa que ama, doutra maneira não é amor.

— Se não fôra estares doente, eu te diria!

— Bem sei, tambem ha o direito de me bater. Não é minha mãe, é minha dona. Não sou sua filha com vida própria sou escrava. Mostrou-me a luz, e como ma não pode tirar, porque o sol não deixa, cega-me os olhos, E', contudo, mãe, ao menos *mãe* é doce na pronunciação. Antes não ser filha. Mas tinha de nascer por dar e para dar prazer aos pais, e nasci. Vejo na minha vida um ponto de luz que me ilumina e aquece, e tenho que deixar apagar essa luz doirada, e morrer de frio, porque os pais sentem nisso prazer.

A voz entrecortou-se-lhe, sem um leve movimento a atitude. As lágrimas esganavam-na por instantes, e também por instantes se prendiam nos recantos da bôcazita tam pequenina, pequenina, que talvez um beijo fosse de mais para a sufocar.

Marejaram-se à mãe os olhos de água, e emmudeceu como se a visse num caixão, estendida, de mãos postas, um lenço a lhe cobrir o rosto.

— Minha filha, que queres tu que eu te faça ?

— Que me permita ir, ficando sempre a bem comigo e com êle.

— E o mundo ?

— E a minha vida ?

— E a honra ?

— A honra da mulher consiste em se fazer mãe, não dando nunca a seus filhos mais de um pai.

— Mas, assim, sem ir à igreja, nem à administração ?! ó! é vida de amantes.

— Rejistrei-me no seu coração dêle, e nos seus beijos me casarei! Além disso não reconheço melhor cabeça para guiar o meu corpo do que a minha. Se a consciencia se não molesta com os meus actos, se eu tenho a certeza de que êles não prejudicam ninguem, e só a mim me dão e a êle ó céu, por que não

hei-de ir aonde a felicidade me acêna com o seu lenço côr de rosa ?

— Mas, deus. . .

— Deus é o amor que eu sinto, e o seu peito, que é todo do meu, é o céu a que me quero encostar toda a minha vida ; e os nossos filhos, se os tivermos, serão os anjos, e mais perfeitos do que êles, porque não terão asas senão para a liberdade do amor.

— Então, vai, filha, mas teu pai talvez morra.

— Falarei ao pai. E quando, como a mãe, êle compreender que é a minha felicidade que procuro, me permitirá que os deixe ; a não ser que meu pai sinta tambem o prazer de se enlutar.

— Tanto amor lhe tens, que até esqueces os deveres de filha para com os que te deram o ser.

— Os pais deram-me a vida, é verdade ; mas é só êle que ma sabe fazer sentir.



Ausente

São duas vagas do cérebro
os olhos de toda a gente ;
nos cegos são vítreas ondas
paradas eternamente.

E' triste vê-los sem ver
olhos cegos, quêdo o olhar,
sem brilhos próprios de luz
quais verdes linfas do mar.

O'! cegos, ó! meus ceguinhos,
é maior a minha dor ;
tenho luz, tenho carinhos
e não vejo o meu amor.

O'! cegos, é desventura
ter o escuro nesse olhar,
mas se ha esp'rança a dentro de alma
ha um sol a aluziar ;

a esperança é mais que o dia,
ilumina mais, a flux,
— se a esp'rança vos alumia
tendes dos olhos a luz.

Ceguinhos de olhos abertos
é irmão nosso desejo:
quereis vê-la sem ter vista
tenho eu vista e não a vejo.

O'! cegos de olhos fechados
é peor o meu desejo:
ainda a ouvís sem vê-la,
eu não a oiço nem vejo.

O'! cego, meu companheiro,
és o mísero dos entes,
não a vês, eu não a vejo,
mas tu a ouves e a sentes.

Cego de muito chorar
em lágrimas te abrasaste;
tu choraste, não a vias,
não a vês porque choraste.

E eu serei o cego — cego
que, fujida a luz do olhar,
traz a alma ainda mais cega
sem 'sp'ranças — linfas do mar.

Recordações

E êle narrava um pique da sua vida :

«Quando pequenino aprendi nas doces palavras e belos exemplos de minha querida mãe a não fazer mal a uma môsca, a não apedrejar um cão, ainda que lazarento, a não espetar numa alai ceada cana, o olhudo sapo que tanto bem faz às vinhas ; aprendi até a atirar maciamente o perdão a quem mal me fazia, a ser grato a quem me dava o bem, porque não sabia ainda que quem faz bem, o faz mais a si que a outrem De modo que qualquer animalzinho — uma andorinha que zigzegueava à minha passagem ou mesmo o leão do Passeio da Estrêla — em mim encontrava um pouco de ternura, um tudo-nada de carinho de irmão.»

«Fui estudante durante algum tempo, e nas escolas evitava-me aos barulhos e não só a mim, até aos bulhentos evitava, e para cada meu semelhante alargava o pouco de ternura e o

carinho de irmão que dava aos animaizinhos, em muita ternura e fraternidade.»

«Aprendi, enfim, a não fazer mal, porque fazer mal a alguém era magoar-me a mim mesmo, e este egoísmo me não deixava magoar ninguém.

«Fui crescendo e não fiquei só crescido em corpo ; também o pensamento se desenvolvera. Perdi o pai aos oito anos, a mãe aos quatorze, e dessa perda ganhei o viver sobre mim mesmo, fóra da autoridade de pais. Chorei-lhes a companhia, e bemdisse a minha liberdade.»

«Minha mãe revivia contudo na minha saudade, continuava em mim, os seus preceitos ganhavam maior desenvoltura.»

«Assim cheguei aos vinte. Um ano depois inspeccionavam-me para soldado. Pensava para que me serviria isso a mim e a outros. E tentava discriminar. E o meu entendimento, muito ao longe percebia que nas casernas me habituaria à ociosidade — mãe de todos os males ; percebia que nos quarteis aprenderia só a obedecer e obedecer a me tornar cúmplice de crimes dos que me ensinariam a matar gente, e depois de o saber, a mata-la efectivamente.»

«Um raciocínio me assaltava a cabeça e me enchia os olhos de luz. A Penitenciária era e é um edifício para onde vão alguns que matam

por sua própria conta, à paisana, sem fardamentos especiais.»

«Percebi que a organização da sociedade fazia diferença entre matar e matar; à paisana, por impulso próprio, por próprias paixões era crime que levava à Penitenciária; matar à militar, feito heroico que desafiava tédéus, hábitos de honra, valor, lealdade, mérito, medalhinhas e fitinhas de bom comportamento, e elojios da imprensa e dos homens honestos, sérios e respeitados. Percebi se a rusga apanhava homem de navalha, o atirava à enxovia; percebi se era homem que andava de espada — da qual se fariam seis navalhas, tlintando-lhe o guardalama pelas pedras das ruas, — quase toda a gente lhe fazia continências à sua assoprada passagem.»

«E eu que aprendi com minha mãe a não fazer mal a uma môsca, enchia o peito de ódio e desprêzo por todos aqueles que me queriam à cumplicidade dos seus assassinios; uma repugnância me tomava de tal maneira o corpo que não sabia que fazer — se fugir a ser assassino, se ser assassino de mim mesmo.

«A opinião pública, as leis, a auctoridade me tomariam por desertor, por um rapaz que comete a falta de não defender a sua pátria, e eu amava a minha querida pátria tanto ou

quase tanto como amava a humanidade. Não sabia aonde estava a razão, e procurava-a nos factos da vida — a fonte inesgotavel do Saber e da Arte.»

«Corria as ruas, assentava-me nos cafés do povo, e ia percebendo que as guerras civís, as sufocações das greves eram feitas pelas espingardas que se compravam para a defesa da pátria. Dentro da pátria alguem havia que se valia da força da autoridade, do exercito, para chamar o melhor a si à custa de todas as injustiças.»

«E olhava o mundo, e via ali um rei, acolá um presidente, uma minoria vivendo na perfidia à custa de quase todos, dos que não pensam, dos que não teem pão, roupas e abrigos, e trabalham sempre, sempre, sem uma esperança de melhor vida, sem uma saudade — ainda que negra — do seu escuro passado.»

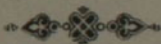
«E fuji. Desertei. Emfim salvei-me.»

«E percebi certo bem-estar, percebi que todas as vezes que casasse a minha vontade ao pensamento, a acção à idéa, eu alcançava o azul da minha consciéncia, o sossêgo do peito, a felicidade da minha vida.»

«E continuo a não fazer mal a uma môsca; deixo-as voar, não lhes arranco as asas; só as afasto de mim, ou delas me afasto eu, que

não quero que se me pegue a epidemia que possam trazer. Na memória ainda me não morreu a mãe ; vivo entre a saudade dela e a confiança que ponho nalguns homens, e muita em mim, e isto é bastante para que a serenidade me não fuja, para que a audácia me não falte.»

E sumiu-se a uns silêncios quietos e mansos como asas de pomba desvvida e pelas quais o vento, parece, não roça nem de leve.



Maldades

Ela era muito pequenina, mas apesar da sua pequenez era mãe; mãe, já se vê, como ha muitas na sua idade, na de Luisa que contava só seis anos; tinha uma filha, mas, claro, toda feita de trapos. Ha assim muitas mães, e mesmo sem assim o serem, ha ainda mães que tratam as suas filhas a modos de criança tratando as bonecas.

O seu papá era alferes de cavalaria, na rua de quépi guapamente pôsto, um tudo-nada ao lado, às vezes de mãos nos copos da espada, outras a espada sobraçada, outras ainda deixando-a cantar pelo chão com a sua voz assassina.

Em casa, porém, era outra coisa: deixava a linha retesissimamente vertical e tornava-se todo outro, punha-se muito à vontade, como se efectivamente desprezasse aquelas posturas forçadas que até o esfalfavam, coitado! — e senta-

va-se numa cadeira a descansar daquele servi-
cinho fatigante.

A mãe de Luisa era uma espécie de impedido do alferes, submissa ao marido como só o sabem ser as mulheres devotas, crentes fervorosas na santa religião, onde aprenderam a gosar a liberdade para depois de morrer — que é uma coisa muito bonita e comovente, e traz um grande proveito . . . à nossa alminha !

Mesmo com este feitio eram os pais o enlêvo da pequenita : — se até uma vassoira basta, às vezes, para constituir o enlêvo de uma criança !

A Luisita largava a boneca e passava a fazer de boneca de trapos no regaço do pai que a aca-
valgando primeiro nos seus joelhos, e troteando depois, finjia de burro com certo gôsto. Já não podia mais a pequenita com o troteio desenfreado do arre-burrinho, e sufocada em risos e choros de tanto rir, chamou a atenção da mãe que andava perto e cuja presença, aflita em cuidados, fez parar o cavalo. O marido sossegou-a — que era brincadeira.

Aquietada a criança, olhou com os seus olhos preguntadores o rosto embigodado do pai e a espada que ora estava encostada a um recanto da saleta. E avançou a sua curiosidadezinha :
— Para que serve aquilo, papá ?

O pai lhe respondeu que servia para matar pessoas más.

Saltando a Luisa do pescoço do pai, à mamã faz um pedido de laços escarlates para a boneca e, ao chegar-se à vidraça da janela, vê uma pobre môsca insistente em perfurar o vidro com a mesma teimosia do pobre crente em entrar no céu.

Com um lenço de assoar entonteceu a môsca, depois agarrou-a, arrancou-lhe as asas e deixou-a desesperada em dores a correr pelas tábuas luzidias da saleta. Assim se vingava das môscas que eram más, pois não largavam nunca o açucareiro ao almôço e os doces ao jantar.

A mãe, magoando-se repreendeu-a, e pretendeu magoá-la: a Luisita gostaria que lhe tirassem os braços por ela ser má em quebrar e estragar tudo? Então, para que arrancava as asas à môscazinha?

As asas ao insecto faziam-lhe tanta falta como os braços a ela, à Luisita.

— Isso não era coisa que uma menina fizesse... Ora a má!

Luisita já havia perdido de vista o insecto, e de olhos pregados no chão, ouvia a reprimenda e fazia beicinho.

A mãe sorriu sorriso materno para o militar que já lhe fizera pé de alferes, recebeu outro

sorrisito em resposta, e retirou-se na lida da casa.

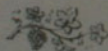
A menina levantou os olhos, olhou o pai, viu-o sereno e bondoso, e correu-lhe outra vez para o regaço, onde toda se aconchegou, e encarando curiosamente a espada, repreguntava:

— O' papá, a espada... diga... Se não sou bôa, porque faço mal a uma môsca que é má, e se a espada é para matar as pessoas más, o papá é bom, matando essas pessoas?



EMENDA

Ha em teu rosto uma fenda
que eu bem sei ser verdadeira,
mas que me queima em desejos ;
e fazer-lhe certa emenda,
crê, talvez não fosse asneira :
era cerzi-la de beijos. . .



A LÁPIS NEGRO

Episódio dramático

PERSONAJENS

Um Homem | Uma Criatura

(Numa água-furtada. Ao fundo janela de peito por cujos vidros, uns quebrados, outros, poucos, por quebrar, se espreguiça a mortalha línea e triste da lua. À esquerda média da cena do lado do espectador, dando para a escada, uma porta escorada numa tranca, e fechada à chave, com esta na fechadura. À direita média, outra porta que dá para o interior, entreaberta por já se não poder fechar herméticamente por causa da orla que liga com o batente estar toda dentada pelo uso, caruncho e podridão. Ainda o pano descido e já a platea deve ouvir grande número de apitos, como numa pavorosa, os quais, ao descobrir-se o palco redobram de intensidade.

Os que apitam parece que correm converjindo para um só sítio, lá em baixo, na rua, mas na suposta rua do lado da platea, paralela àquela a que se debruça a janela da mansarda. Os apitos depois diminuem até ficar um só, o qual por fim também emmudece. Apercebem-se os ruídos da turba multa que esquadrinha, investiga e se intercala e aperta e pergunta rumorosamente, ansiada de curiosidade. Todo esse sussurro parece entrar pelos vidros quebrados da janela. Ouve-se aproximar o rodar de um carro de incêndios com o seu alardeante tlintar metálico, e, pela janela avermelha-se a cena à luz exterior dos archotes em fogo. Pela porta da direita Uma Criatura, vestindo saia de baixo e de côr escura, e embrulhada num véllho e rôto chale, entra perturbada, aflita e ávida estende-se pela janela fora. Ouve-se retirar o carro dos incêndios tlintando Uma Criatura escura desvelada para o lado da porta de onde saiu, e torna a olhar a rua numa direcção obliqua, em seguida volta-se, fecha a janela que não tem portas de dentro, e desaparece pela direita. A lua, como que a brincar às escondidas atrás das nuvens, escapa-se de todo, ficando a cena em escuridade. A zoada vai-se esmortzando até se esvair de todo Um si-

lência sem respiração. Instantes depois um braço robusto e ensangüentado intromete-se surrateiramente por um vidro quebrado da janela, a qual abre pelo fecho de dentro e pela qual Um Homem, ora resfolegando ou sufocando o próprio resfôlego, passa cauteloso, evitando ruídos, arquejando-lhe o amplo peito, sem chapéu a cabeça desgrenhada, casaco muito coçado, cheio de novos rasgões. Não treme, não abaixa a fronte nem a levanta, não tuje nem bole com receio de que o rangido das próprias articulações o denuncie. Ha papoilas de sangue pelo embarbado rosto de uma brancura de camélia. Momentos após agacha-se, encaracola-se, acachapa-se, mirra-se como se se quisesse sumir, e fica para ali como pejado de chumbo.)

UM HOMEM

*Que raio de escuridão ; nem sei se sou ! . . .
(O luar só então se estirica pelo palco. Um Homem, depois de escutar pelo lado da janela e olhar atento a porta trancada e pôr o ouvido à escuta na direcção da porta da direita, e ainda na da escada, reptilizando o rosto pelo chão, fica absorto, num esquecimento feliz, a contemplar a lua que mais o embranquece com a sua*

áljida e suave luz. O latejar do seu peito cansado e em susto é o que tam só arripia o silêncio. Levanta-se Um Homem e investiga mais, e se encaminha à porta da direita. Olha-lhe lá a dentro, a espreitar, receoso, nos bicos dos pés descalços, para que o seu andar não pise e desperte o silêncio.

UMA CRIATURA

(Aparece à porta da direita, horrorizada, diante a bôca, os olhos medonhamente esbugalhados, e com uma criança nos braços ; recua e fecha a porta a gritar) Socorro! Socorro! Acudam!

UM HOMEM

Ah! (e corre à porta, força-a, e com facilidade a porta cede, e sai. Depois de um longo silêncio, entra com Uma Criatura, agarrando-lhe com a sua mão direita as suas duas mãos dela, as quais lhe colocou de encontro à bôca, abafando-lha assim, e no outro braço segura cuidadosamente a criancinha, estendida pelo braço todo como num berçozinho.) Ora aqui tem para que lhe serviu gritar. Não se estafe, criaturinha, nem se assuste, que a pistola não tem fechos ; aque-

te-se, não tenha medo que ninguém lhe faz mal. Repare na criança; tinha mais razão para ter sustos, e nem chora! Seja homem! Não vê que se a quisesse espichar, a espichava? Ou parece-lhe que tinha de pedir licença ao papa? Que diabo, repare nisto: sempre tenho melhor aparência do que você, a pequenota e mais toda esta gaiola. Depois desta estafa toda, aposto que não ha uma migalha para me matar a fome! (*Já a largou. Ela timorata, queda-se muda e cansada.*) Assim, caladinha é que eu gosto. É afinal, ia-me comprometendo sem graça nenhuma! Estava agora nas mãos do santo ofício, se das mãos não faço concha às pérolas da berraria. Não tenha medo que não sou nenhum papão! Vou-lhe falar sem pevides na língua: eu sou o que se chama um ladrão — para não estar cá com palavras: desvios, desfalques, alcances, adeantamentos; que eu comigo não faço cerimónias: numa palavra modesta — ladrão. Há dez anos que ora roubo ora me deixo roubar, e há dois que roubo a fio. Quando me não dão trabalho, ainda que muito mendigado, e talvez por isto mesmo mo não dêem — arranjo-o eu pelas minhas mãos. E' sempre mais facil, e não se verga a espinha a pedinchar. (*Outro tom*) Deram-me cabo do fato novo; olha se tenho camisa, não ma ras-

gavam tambem... *(continuando)* Cada qual tem o seu ganha-pão; o meu é este. Olhe que roubar como eu não é tam facil como à primeira vista parece; sou sózinho, a polícia não me ajuda, não me protege; diz-me que a lei é para outros colegas meus, de alto coturno, mas não para mim. Não me faz admiração, todos os modos de vida pedem colarinho alto, agrada-se mais. Eu — confesso-o — não roubo para agradar a ninguem; nem por economia nem para economias, roubo porque é a minha profissão, e cumpro-a como um leal trabalhador *(puxa da carteira)* E' o dinheiro! E, tudo, ou quase tudo pelo dinheiro; esta caranguejola funciona mal, a gente não devia precisar de dinheiro. Ora, deixemos as filosofias para quem não rouba. — Uma bela carteira, não acha? Cheira que é um regalo — o coiro da Rússia cheira muito bem; tambem há aqui pegado o perfume dos bons charutos — é como o cheiro do coiro... do ex-patrão! — Não sei quanto tenho nesta carteira! Eu cá sou assim! Pessoas ricas nunca sabem quanto teem! *(olhando os próprios pés descalços)* O' diabo, lá me esqueceu hoje de calçar as botas de polimento! E *(recordando-se, com a mão na cabeça)* o meu barrete? Querem ver que ficou de penhor por via da carteira? E era um lindo bar-

rete!... Para rêde de pardais já nada lhe faltava. Está bem! Compra-se outro. — Vossemecê fêz bem em se cilar; o calado é o melhor. Se continuasse a gritar, o que eu tinha mais certo era a cadeia. E o tempo não está para cadeias, a não ser as dos relójos, claro.

Eu nunca as tive! Nem relójo. Quero dizer, tenho um que me está sempre a dar horas aqui (*aponta a barriga*) Ora sente-se, e dê-me licença que me sente que estou cansadito.

UMA CRIATURA

Mas que quere vossemecê?

UM HOMEM

Quero salvar-me; e os pobres devem ser uns pelos outros. Roubei isto, e peço caluda.

UMA CRIATURA

Ah! foram por sua causa, os apitos?!

UM HOMEM

Foram; há quase sempre destas manifestações quando me apanham a ganhar a vida.

UMA CRIATURA

Ganhar a vida? Roubar?!

UM HOMEM

Roubar, sim senhora. Então que tem ? E' mau ? Dá prisão ? Paciência, são os ossos do ofício. Ganhar a vida, roubar, diz vossemecê com desprezo. Ora, minha querida, é hoje o trabalhinho que deixa mais. Pesam-me em cima do coirão perto de cincoenta anos, trabalhei desde a idade de seis até há . . . um, dois, abril, maio . . . vai fazer dois anitos. Ha dois que (*senal de roubar*) zumba, não faço outra coisa. Sou pedreiro . . . Sou ? é modo de dizer, fui. Eu sei lá quantos prédios quase que fiz, e afinal não tenho aonde cair morto. Casa ? *vis-te-la*, nem eu. E se me descuido mais, estava aqui estava mas era na Costa de África por não ter domicílio. Eu não sei que é isto. Fiz tanta casita, e, no fim de contas nem tenho uma laje para adormecer o corpo. Afinal parece que estou em minha casa. São ainda os modos de pedreiro. Acostumamo-nos a olhar as casas que fazemos como nossas!

— Ora diga-me, você é sózinha e mais o pequenito ? Não tem homem ?

UMA CRIATURA

Tenho, morreu-me na África nesta última campanha.

UM HOMEM

Ah ! sim, coitado ! Era soldado ? ! Tambem não é má vida, aprende-se a morrer ou a matar ; até se aprende a inventar a morte, como se a morte não estivesse já inventada ! Pate-tas ! Eu nunca fui isso de soldado.

UMA CRIATURA

Foi há um mês. Tive notícia. Agora peço esmola, às escondidas, já se vê. A polícia não deixa.

UM HOMEM

Não deixa pedir, não ; só deixa roubar. Dê-me a criança. Coitadinha, ela sorri. Mal sabe ela o que é a vida ! Não sabes pequenina, não sabes ! Vossemecê hoje já comeu, ou inda não ? Há aqui dinheiro. E' nosso. Se tem escrúpulos, faça de conta que não foi roubado. E' o melhor. E' como faz muita gente.

UMA CRIATURA

Hoje comi de manhãzinha. Fiz açorda de uns bocados de pão duro que me deram.

UM HOMEM

Deve ter o leite fraco. Se quer, vou-lhe buscar qualquer coisa . . . (*reflectindo*) E' melhor ir vossemecê, deve de estar lá por baixo o santo officio. Eu pirei-me bem. Conheço bem as ruas

e melhor a construção dos prédios! Subi por uma escada, encarrapitei-me na janela da casa daquele lado, e agarrei-me ao telhado, subi-lhe ao dorso, passei para o lado de cá e, bumba, enfiei-me por aquela janela. Mas vai você e compra o que lhe apeteecer. (*Dá-lhe a criança e abre a carteira*) Ainda estão novas, vê? Estas não são falsas. Vieram da casa da moeda para o banco e do banco para o meu amigo dos manjericões e depois, já se vê, para mim que sou agora seu dono. Que diabo está aqui escrito a lápis negro? Seja o que fôr!... (*com dor*) Quem não sabe é como quem não vê. Você, disto, claro, pesca tanto como eu; quere dizer, pescamos ambos e dois como o meu pequenito. De notas é que sim e mais que também. — Um e dois zeros são cem... brancas que nem mortaldas... e tudo de cem! Nem há uma de cinco. Eu então, para alcançar uma só rojava-me mais de uma semana!... Vossemecê precisa... Uma, duas, três, enã! pai, bota a coisa a contos de réis. Nunca via tanto dinheiro quando trabalhava. E' sempre assim! Quando se rouba é quando se tem mais!

UMA CRIATURA

Não preciso. Quase que me habituei a não comer.

UM HOMEM

Não se habitue muito, senão, quando estiver habituada é como o cavalo do outro. Olhe, eu cá já não sei o que é comer vai para quatro dias — quatro dias certos, se são duas da manhã. Quatro dias, já me ia habituando, mas não quero criar maus costumes, que fazem mal à barriga. Dá tonturas à gente, é peor que estar bêbado, peor. Sim, vossemecê sabe. Olhe, o pequeno adormeceu. Ora repare para êstes pés, esta cabeça descarapuçada, estas calças que fazem de como quem são e de ceroilas também, este colete que o é e também camisa, e este casabeque que, se não fosse a polícia ainda estava para durar. Sou um pé descalço. Ninguém, olhando para mim, me julgará senhor de haveres e teres e tomares que é um nunca acabar. (*Vai percorrendo as notas da carteira.*)

UMA CRIATURA

Eu coso-lhe isso... é preciso comprar linha.

UM HOMEM

Compra-se, isso é o menos. E o pequenito parece mesmo um encanto. Sempre gostei muito de crianças! Nunca fui pai; também

nunca tive mulher! Não sei porquê. Tinha, talvez, medo dos filhos! Isto de filhos, pegam-se tanto ao coração que endoidecem uma pessoa. Então este endez não tem pai? enguliu-o a pátria? Eu não conheci nunca pai, e de certo que o tive. Estou agora com vontade de ser pai, palavra!

UMA CRIATURA

(Envergonhada) Ora... pai!

UM HOMEM

Pai, já se vê, sem ser seu homem. Ah! isso não! P'ra quê? Para haver mais filhos? nada, nada. A miséria é grande e o trabalho é pouco.

UMA CRIATURA

E' inda assim a minha consolação.

UM HOMEM

Não digo que não. *(Reconsiderando cheio de melindre)* Mas eu sou um ladrão! Que hei-de ensinar à criança? A roubar? Sim, isto de pedreiro, não deixa, há muitos. Ensiná-lo a ser pedreiro e depois ladrão como eu? Tenho escrúpulos, confesso. Não posso ser pai dêle. *(Com tristeza)* Infelizmente não posso. Gostava dêsse, mas ia-o ensinar a ser... Não quero, não quero. *(Para ela)* Olhe, você des-

culpe, não tenha escrúpulos. Fica com este dinheiro.

UMA CRIATURA

Eu! . . .

UM HOMEM

Não tenha escrúpulos, já disse. Fique com êle. O dinheiro não é do dono que o tinha, nem do dono que o tem, nem vossemecê será sua dona. O dinheiro é da criança; quem tem dinheiro pode não ser atreito a roubar: eu, se o tivesse, ou se o ganhasse, não roubava. Está dito, o dinheiro é da criança; assim — está aí um dote — não se fará ladrão.

UMA CRIATURA

(Com lágrimas nos olhos) Leve ao menos para si.

UM HOMEM

(Com receio de acordar a criança: em voz baixa) Não, não, é todo. Eu *(vai saindo)* continuo na minha. *(Gesto de roubar. Tira a tranca, abre a porta muito bem, mete nas aljibeiras as mãos, dá à cabeça com certo ar de importância e sai)* Ora . . . vamos à vida.

Como deves ganhar côres

E' mais doce do que o mel
tua face branca e linda,
e podia ser melhor
com mais uma côr ainda ;

pois és qual rosa branca,
bem te precisas rosar ,
a rosa branca é bonita
mas vai sempre a desmaiar.

E a tua face, morena,
a tua morena pel'
bem precisa dos meus beijos
para ter a côr do mel

Tu assim p'ra ser's rosada
quer's beijos dados por gôsto ;
e são rosas só as rosas
que nascerem no teu rosto.

Por isso as rosas se calam,
não te querem perfumar,
teem ciumes das rosas
porque te andam a rosar.

E nas tuas rosas brancas
não ha melhor que eu deponha
de que beijos, logo a dar-te
a rósea côr da vergonha.

E só depois disto tudo
talvez tu fiques de rosas
que se desfolham depressa
apesar de mui formosas.

E se as rosas brancas vissem
como se podem rosar
me não largavam, de certo,
para que as fosse eu beijar.

De maneira que tu, rosa,
quando vás a desmaiar,
chamas logo por meus beijos
que te tornem a rosar.

Tu bem vês, é muito doce
tua face branca e linda ;
mas quam melhor me não fôra
tendo a côr da rosa ainda.

Uma toirada na minha rua

Na minha banca rabiscava eu, quando da rua umas palmas frenéticas, febris de entusiasmo, acompanhadas de uns bravos espontâneos, me roubaram a atenção ao que fazia.

Abri a janela, encostei-me ao peitoril a examinar o que se passava.

Uma roda imensa de gente, apinhada, em forma de circunferência formava a geral. Os camarotes eram as janelas dos prédios vizinhos. No círculo daquela circunferência uma dúzia de rapazes imberbes faziam um simulacro de toirada.

Dessa dúzia, três que faziam de toiros mostravam largas aptidões para a arte de serem toireados.

Uns cavaleiros, outros bandarilheiros, e o resto môços de forcado.

Os cavaleiros viam-se obrigados a montar em canas por ninguem querer ser cavalo.

Os *toiros* armavam-se de uns paus cujas pontas eram emboladas de palhinhas.

Quando cheguei à janela acabavam de bandarilhar um furioso toiro que fez as honras de um cavaleiro que, vitorioso tirava o chapéu de dois bicos, feito de papel, agradecendo às janelas e ao público em geral, a pular e revirar a cana em que montava para assim exhibir a garbosidade do seu cavalo.

Tocaram um cornetim de barro que costuma aparecer pelo Santo António, dando sinal de que ia sair um novo toiro. Todos os olhares se converjiram para um limiar de escada que servia de curro, contra vontade dos inquilinos.

Uma voz da geral gritou :

— E' o Chico da Viuva que vai picar — avivando dest'arte a curiosidade do público que, com as mãos comprimia os saltos do coração.

As farpas, pequenos paus empapelados em várias côres, tinham numa extremidade um ferro anzolado para que a farpa se prendesse na palhinha com que o toiro arremetia o seu inimigo.

A sorte que se vai seguir é uma cena digna da descrição de Rebêlo da Silva, autor da *Ultima toirada de Salvaterra*. Todavia descrevê-la-ei consoante as minhas fôrçasitas.

O toiro saíu fumegando ferocidade pelas ventas, e, ao contrário do que se esperava, parou, escavando a terra, olhando de soslaio o bandarilheiro, e berrando como um verdadeiro toiro.

O bandarilheiro, impassível, direito, digno, de braços alevantados, era imponente pela majestosa posição que tomara.

O toiro parecia desconfiar do toireiro continuando a rastejar os pés.

Então o público enfasiado por aquela indiferença, envergonhou o toiro, dando-lhe de viva voz uns foras prolongadíssimos. O toireiro animado chamou-o, batendo três vezes com o pé no chão. O toiro empertiga-se corado e arremete, e com tal fúria o fez que o toireiro não teve tempo de o farpear. Ficou tudo admirado. Era um fiasco. — Não se esperava tal coisa do Chico da Viuva, rapaz que criara fama entre êles de primeiro bandarilheiro. Êste, um pouco receoso e depois de pedir licença ao público falou ao ouvido do toiro, segredando-lhe «que não arremettesse daquela forma que o podia magoar.»

E por seu turno o toiro pediu-lhe desculpa, acrescentando-lhe que tivesse também todo o cuidado em o não picar no corpo «que era uma espiga.»

Puseram-se a distância. O toiro correu, e o bandarilheiro metendo-lhe dois curtos na palhinha, foi vitoriado estrepitosamente, havendo alguns abraços do povo, e uma ou outra atiradela de chapéus à praça.

Um andarilho feito à pressa, isto é, de calças arregaçadas até o joelho, e o casaco dobrado de maneira que desse a entender um jaquetão, deu um par de farpas ao toireiro, não sem dificuldade, porque o toiro foi-se a êle com tal fôrça que se não fossem umas chamadas de capa de alguns dêles mais corajosos, o andarilho não viveria decerto.

O toireiro desafiou o bicho batendo o pé e bamboleando o corpo. O animal arremeteu e, sem querer, como se soube depois, com a palhinha feriu uma das mãos do bandarilheiro. Na cara dêste transpareceu um sorriso de quem não gostava da graça. Animando-se, porém, chamou o toiro. Com esta sorte devia fechar as suas sortidas daquela toirada esplêndida por não ter toiros reais.

O sol desmaiava. O horizonte rosava-se como criança envergonhada perante pessoas estranhas ou, melhor ainda, como menina a rosar-se do primeiro beijo de namorado. A tarde ia-se linda.

Continuando : o toiro arremeteu, e com tal

furor, que virou de pernas ao ar o toireiro. Êste alevanta-se atordoado e enraivecido, furioso, foi-se à cara do toiro e espalmou-lhe duas bofetadas estridentes. O animal, defendendo-se, atira com a palhinha ao toireiro que o põe em fuga com dois pontapés tauromáquicos.

Não satisfeito, porém, corre atrás do toiro, agarra-o e arma-se pujilato.

Um toiro que tinha ficado a arrumar as farpas disse àquela gente que se retirasse porque vinha na calçada um polícia inimigo figadal das toiradas.

Chega o polícia, dá voz de prisão ao toireiro e ao toiro que, de cabeça baixa caminha sério e tristonho como um boi manso.

O polícia grita aos assistentes que se retirem sob pena de ir tudo com êle, e aquela gente retira-se à voz policial, como nuvem de fumo a um remoinho de vento. E eu, fechando a janela, continuei a rabiscar.



As três fôlhas

Um trapeiro com um gancho de ferro e o respectivo saco parou, como triste dever do seu minguado mester, a remexer um meio barril, que em tempos servira a manteiga ou margarina, e agora punham à porta da rua a conduzir lixo.

O trapeiro, com o gancho, fêz remover o que estava na superfície para o fundo do barril e às-avessas.

Não encontrou, porém, nada de importância a não ser um embrulhinho com nódoas gordurentas, em forma de vinténs, o qual desenrolou. Era uma caixinha redonda, destas de botica, com pomada branca. Com um gesto de nojo a desprezou. E foi-se arrastando pela vida.

A caixinha continuou a dentro do cóncavo do papel que a embrulhara, e que ora estava

à maneira de malga. Ao pé viam-se umas três fôlhas de couve, dum verde distingido, quase brancas, amarrotadas como trapos sujos.

Um outro trapeiro veio ao barril, e voltou o que estava de baixo para cima, de maneira tal que as fôlhas de couve envolveram a nojenta caixa da pomada e o papel ennodado. O trapeiro seguiu o seu caminho, depois de conhecer infrutífero o seu trabalho.

Ao barril saltou depois um gato que, poisando das mãos apenas as pontas das unhas, mui cautelosamente, numa suscetibilidade nervosa de nojo, o remexeu o mais que pôde. E, como nada visse que lhe agradasse, retirou-se dum novo salto.

Logo em seguida um cão magro e faminto, que como muitos percorrem as ruas de Lisboa, durante as manhãs, à cata dos barris do lixo, abeirou-se do barril e meteu-lhe as ventas pronunciadas e ofegantes, e, não sei porquê, mijou-lhe em cima. A urina ensopou as ressequidas fôlhas de couve. O cão depois de entornar com uma patada o barril por sobre o passeio, esgueirou-se.

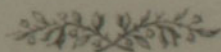
Depois de decorrer algum tempo chegou uma velha decrépita e miserável. A pobre anciã, muito corcovada, tão corcovadinha que mais parecia porção de trapos do que gente — ar-

riou no chão a remendada saca de serapilheira, e sacando do gancho, que trazia suspenso à cintura, remexeu minuciosamente o barril.

— «É' a tal coisa . . . Isto quem chega a vé-lha mal pode andar e todos lhe tomam o caminho . . . » A pobre trapeira percebera que o barril fôra explorado por outros mais lestos do que ela. Contudo não desanimou ; continuou a remexê-lo, e vendo ao cabo de algum tempo que tudo lhe haviam levado, resignou-se a apanhar as três fôlhas de couve, amarrotadas, enodoadas e húmidas, que ela repugnantemente sacudia.

E, ao retirar-se, a sua bôca sem dentes, sem pão e sem vida, pôde ainda balbuciar :

— «Ao menos hoje não fico sem comer».



Caminheiro

«Dizei-me, por favor, se por êste caminho,
onde além vejo a cruz dos que passam agruras,
se me pondo a rezar por um céu de venturas,
eu posso achar o deus de amor e de carinho.»

— Não sei, vou p'lo país e vês, sempre sózinho,
mui alheio ao sonhar aonde te seguras,
não me apontaram nunca tais coisas obscuras,
te repito não sei de deus qual o seu ninho.

Mas pensando melhor se veja sem demora
a causa onde labora a tua ánsia imensa
que tanto te seduz e tanto te devora ;

eu te abro uma clareira e sem ar de sentença
no que queres saber e muito te enamora :
eu julgo existe deus no céu de quem não pensa.

O FILHO

Diálogo dramático

PERSONAJENS

Maria | João

MARIA

Quando nos unimos levei-te tudo quanto de límpido a mulher pode levar ao homem. Não te prometi fidelidade, ainda que dentro de mim eu não tinha outra coisa. E se ta promettesse que remédio tinha eu senão faltar à promessa? Nada devemos prometer, porque ao cumprirmos o que prometemos, fazemos, muitas vezes, a diferença que vai do sol à noite. Só podemos fazer as coisas. Prometê-las nunca. As ocasiões mudam os indivíduos como o entardecer muda as côres do horizonte. São côres levianas, são matizes como espíritos instáveis de crianças. A gente olha os coloridos e sem lhes despegar

a vista, eles vão mudando da mais forte luz até a escuridade completa. Devemos tecer tantas virtudes como vícios para sustentar a vida — quando não a nossa que é sempre tam mesquinha — a dos outros que é sempre valiosa. O nosso filhinho morria. Mamava leite, leite fraco, leite aguadilhado, até que deixou de ter aguadiha e passou a ensangüentar a boquita. Era preciso salvá-lo, salvei-o. Estive para o matar e para logo me matar, mas faltavas-me tu que se não és meu como eu já não sou tua. éramos, porém, do mesmo filho e o nosso filho é bem de nós dois. Fiz pela vida. Foi-me difícil, mas consegui-o. Prostituí-me. Estavas ausente. E desta lama, do fundo deste lodaçal colhi uma concha de pérolas — salvei o nosso filhinho. Está ali vivo, são e escorreito que nem um raiozito de sol. Mais tarde poderá cheio de vergonha, escarrar-me no rosto o sangue dos meus seios de mãe; mas está vivo e é quanto eu queria. Se nos gostámos um do outro foi para que esse bom gosto viesse no filhito que ali vive. Agora está ele adormecido — talvez a mexer a boquita que não ha rosa que tivesse assim o seu botãozito, talvez a sonhar com a maminha. Tão pequenino e já teve fome e mais de uma vez. Que as pessoas grandes a tenham, vá, mas um anjito que vem ao mundo sem que-

rer porque foram os nossos beijos que o produziram — por isso êle é tam tenrinho — já é! Que pecados temos? O nosso amor? O nosso trabalho? E é o filhito a pagar, vamos, êsses pecados? Então porque os não pagamos só nós? Que deus é êsse tam cobarde — que todo o poder tem na mão, dizem — que faz descer a fome ao corpito de uma criança? Prostituí-me. E' muito se o fazemos por nós. E' nada se o fazemos por outrem. E' um vício e pode ser um sacrifício. E' um vício se é um gôsto. E' um gôsto se é a salvação de um entesinho. Imagina que eu tinha o futuro nos meus seios, e os meus seios sêcos porque eu não comia. Tinha que comer para salvar o futuro. Como havia de comer? De qualquer maneira. E foi de qualquer maneira. Chorei muito e julgo-me lavada por todas as minhas lágrimas. Dizem que há quem ficasse virjem depois de certa água de um rio. Eu me tornei mãe nas lágrimas dos meus olhos. E aind'agora êlas me cegam. Parece que não acabarão nunca. Paciência. Não tinha outro modo de te esperar. Fallo-te assim para que saibas a mulher que tens na tua frente, a mãe que alimenta o teu filho. — Estava tão magrito e os olhitos a cortarem-me a alma que... já sabes. Depois — bastaram poucos dias — logo as rosquinhas lhe en-

rugaram o corpito todo e de modo que se eu lhe desse um beijo e o beijo caminhasse por todo o seu corpo e me quizesse como voltar à bôca — o beijito atarantar-se-ia todo pelo seu corpozinho naquele labirinto de roscazinhas, e não mais daria com a saída. Ficava lá perdido. Salvei-o! Sabe bem salvar alguém. Vale a pena por forcer um pé, ganhar uma entorse — no degrau do mal se é para salvar quem pode cair pela escada. Só me custa fazer-te sofrer. Só soffro isso. Se não soffresses, eu não soffria. Mas há pequeninas coisas na cabeça, que fazem soffrer o corpo e a vida inteira.

Não sei como é esta vida, soffremos uns pelos outros; não soffremos nunca por nós próprios. E' triste não se entenderem as gentes. E' muito triste. Porque rodeamos muito mais os vélhos e as crianças de cuidados? Porque se não equilibram ainda e já na vida; podem cair, e os nossos desvelos andam àlerta amparando-os para que não caiam. E às vezes o cuidado nas mães é tanto que as cega, e zangadas quebram um braço ao filho do seu coração, preferindo isso a que êles morram num desastre. E' um pedaço da dor; não é a dor inteira.

Sempre me lembrei de nosso filhinho e nunca me esqueci de ti. Agora appareces-me tu, nesta

longa noite da tua ausência como estrêla que há muito tempo não apparecesse no céu. Ganha rumo a minha vida. Renasço. Lembro-me ainda quando fui para ti. Ia com este mesmo fato — parece-me que nunca tive outro — talvez mais novo — está tam velhinho — fazia muito frio o inverno dêsse ano, e corri aos teus braços e neles me aqueci como se fossem uma lareira. O que se passou depois e ainda pelos dias fora até que te prenderam — não sei. Foi um sonho. Quando se vive bem, sonha-se sempre. Só nos acorda a mágoa. A alegria passa pela memória como patinadora por sobre a neve. Agora a dor cava na memória e enterra-se nela e não mais sai, tem raízes de figueira que procuram lágrimas de água por todos os lados. Não ha aqui, há ali, acolá, além. O céu depois chora, os rios transbordam e as figueiras des-sedentam-se. E' a vida — talvez sem o sentido reconhecido — mas é a vida. Tudo foje da morte a sete pés. Quando ela agarra alguém, agarra-o depois de muito lhe ter corrido atrás e quando já não há fugir-lhe porque se perde o fôlego. E' o que me ia faltando — o fôlego.

Parece que perdi os sentidos, que torno a mim e não sei o que se passou. Não foi uma vertijem. Foi um sono sacudido de pesadelos.

Agora, desde que apareceste, de nada tenho medo; és o raiozito do dia que apartas as noites do medo.

Nunca te esqueci, mas demoraste-te tanto que até te julguei perdido — quase morto no esquecimento.

Quando pensamos muito numa coisa e a não fazemos, julgamos que não pensamos nela. E, contudo, nunca pensámos noutra coisa. E se queremos fazer coisas e as não podemos fazer, julgamos que as não fazemos nunca. Certas esperanças esvasiam-se como copos a escorrer; outras não, são como o mar, se teem marés baixas, também as teem altas. Estou sempre a falar. Pois tu não dizes nada.

JOÃO

Que hei de dizer? Abalei à procura de trabalho porque por cá mo não davam — fui-me por aí fora, mas uma noite uma ronda viu em mim um vagabundo e dentro do vagabundo o criminoso, e prendeu-me. Dois meses à espera do julgamento, que por fim veio e me absolve. Não fui condenado mas sofri como se o fosse. Deixo-te — dois longos meses — volto depois, agora e encontro-te. . . salvadora do pequeno, Vou a beijar-te e dizes que te não beije. . . pelo menos enquanto te não ouvir. Oiço-te, es-

cuto-te e sinto o coração despedaçar-se de encontro ao peito como se uma grande doença o sufocasse. Beijo o filho, demoro-me nisso e consolo-me. E se eu o beijo é porque foste tu que o conservaste vivo. Eu beijaria a qualquer que mo salvasse; mas uma coisa dentro de mim me não deixa agarrar-te nem beijar-te porque uma sombra como bando estonteado de asas de morcegos — me fira a luz que estava nessa bôca e nesse corpo. Sinto reconhecimento — sinto? — sei que to devo — mas sinto o coração desfibrado como frios fios de linho e negro qual pês. Pensei tudo isso por que passaste — porque era a única verdade por que podias caminhar e eu com os olhos cegos de tanta luz não via essa única verdade — a miséria. A gente gosta de se iludir, gosta de se enganar — a ilusão tem o seu não-sei-quê de arco iris. Há chôro nos olhos que não deitam lágrimas. Parece termos mêdo que a queda dessas lágrimas nos cegue os olhos; não são lágrimas, são brasas que dedos não mexem, quanto mais olhos. E tu choras, ainda tens lágrimas. Eu não choro, o pranto espalha-se-me pelo corpo nesta grande tristeza. Que mal fizemos nós? Se o mal é para quem o fez, ? a quem o fizemos?? Quando, como e aonde? Tenho pena que deus não exista, porque o in-

sultaria tanto que êle sairia do esconderijo e me appareceria ! Mas é uma balela como outras — para que a miséria seja ainda mais desgraçada, se mais desgraçada pode ser.

Na prisão por entre as grades átras — olhava as estrêlas e julgava-as enviadas por ti para me vijiarem e alentarem. Às vezes só adormecia depois da última estrêla tam brilhante que me parecia dizer — espera, entretem-te, pensa, que a pensar é que o homem se fêz. E pensava. O que pensei — pareceu-me um livro enorme aberto e escrito pela vida com aquela tinta do sol que se estorce e asficsia além estrangulado pelo sangüíneo céu e pelo mar convulsionado.

Não sei ler — não conheço uma letra — pois li a minha vida toda, a nossa vida, a do nosso filhito. Agora julgo conhecer a terra que piso. Os meus pés assentam bem e andam melhor.

Conheço perfeitamente o caminho. Quando a gente torna a percorrer o mesmo caminho — o que é percorrê-lo três vezes — julga-o mais curto. E êle é afinal tam comprido depois como antes. E' a experiência que abre os olhos. A mestra que ensina muito. Sem carinhos, mas ensina ; castiga-nos, mas ensina, ensina. E eu aprendi.

MARIA

Vejo-te outro e julgo-te o mesmo. Um sonho deante da realidade. Que aprendeste ?

JOÃO

Aprendi a roubar. Nunca pedi esmola e nunca mais tornarei a pedir trabalho.

MARIA

Então ?

JOÃO

Então é isto.

(Uma tremura percorre aquelas bôcas vasias como fomes e sombras de morcegos — pressurosa — galvaniza e arripia as vértebras mortas do silêncio. Dir-se-ia o medo a fugir deante das meditações. Uma tremulina desce como grande dossel tremeluzente por sobre as suas fronte por onde — como frisados por nervosos dedos — os fartos cabelos se retorcem numa desordem, contorcionados por ventanias de desespero. A lua entra — tímida como uma doença em corpo robusto — e estúa o seu virjem lençol, por entre os dois como branca estrada a separá-los. Os dois apossimam-se e pisam o pálido lençol virjem, que se não

estorce nem constranje ao sentir-se pisado, e a estrada da pálida luz, parece agora aberta para êles dois a percorrerem. Olham-se de frente, não se atrevem, porém, a abraçar-se; só o luar os inunda, envolve e entreabraça. Uns vajiidos — a criança — casam o seu débil som com a fria brancura do luar.

O sol que é muito forte, só os pode iluminar assim, por meio da lua. E' noite, o sol está agora muito lonje. Talvez que ao amanhecer de um dia os aureole directamente. Uma sombra — talvez uma nuvem que faz sombra, afunda-os. Um escurecimento — como asa voando rápido — perpassa por seus crânios que latejam como ondinas arripiadas por ténue arajem. Depois os olhos espelham-se, e lágrimas espreitam como ratitos por entre êles e caem em fio rosto abaixo, detendo-se um pouco, uma ou outra lágrimizita, pelos recantos das suas bôcas. Estas movem-se para falar, mas tenaz desgôsto lhes prende a fala e a encarcera no segrêdo imenso de uma profunda e grande dor — que é como a matéria — sempre a mesma — sem princípio nem fim sempre eterna como a vida e sempre à vida enlaçada. Uma árvore que não deixa

ver o seu caule, de tal maneira a hera a entrelaça. Esta pausa nas palavras — esta quietude nos movimentos, — esta atitude equilibrada num mesmo ritmo só tinha vida e fogo prestes a sair em labaredas. Amuam-se. Ela volta-lhe as costas, olhos no chão, pensativa. Éle percorre a cena, desesperado. A tela desce).



MANHÃS DE AMOR

Do sol um raio esperta o sonho de alma rosa,
a flébil flor de abril recebe-o receosa —

dir-se-ia a virjem 'spôsa em tímida alvorada
à luz fujindo nua e ao espôso alvoroçada.

E a rosa qual noiva em filtros de pudor
perfuma o largo sol de belo e forte amor.

Cai a noite após, sem loirejo ou luar,
e a saudade a inundou de trémulo prantear.

(O chôro é bemfeitor quando o cér'bro assegura :
é de se não chorar que vai lesta a loucura.)

E foi nessa manhã — chorava a rosa tanto —
que o sol a beijou toda e lhe enxugou o pranto.

A arte

A arte, não sendo conduzida para a dentro da sociolojia, faz a má figura da pessoa que nada pensa verdadeiro, justo e útil.

Não podendo de maneira alguma a arte ser isolada das sociedades, desde o momento que os artistas se deixem ficar na ignorância dos povos, na estagnação do deixa-correr o marfim das tradições não se abraçando ao que há melhor na ciência, só ganhará no luxo do estilo metafísico ou relijioso — o que é pouco.

Um bonito vestido de noiva é coisa linda, como que nos traz à lembrança, com a sua flor de laranja, aquilo que a Europa tanto aprecia, mas sem a noiva, se não justifica. Alguns preferem a idéa nua do estilo à arte que vista o manequim ôco de idéas; mas o que, em verdade, é preferível é a idéa nova, a idéa que nos

leve ao bem da vida, bem espartilhada de setins e veludões em tal profusão de agradabilidades que retenhamos a idéa de cór pelos macios da forma.

Assim, ainda que a idéa nova não seja percebida imediatamente, retida na memória pela belêsa da forma, a inteliência a compreenderá mais tarde, quando uma certa oportunidade a desafie e a faça discutir, vibrar, ganhar luz.

A educação que temos — não discuto se bôa ou má — faz que recebamos uma mesma pessoa de duas maneiras, uma agradável, se vem bem posta, desagradável se mal vestida.

Sendo, portanto, o maior dever de hoje a se cumprir — o trabalhar com quantas forças se possa, para reduzir a miseria a zero, (e não me refiro só ao pão), parece-me estar dentro da justiça supor que todos os artistas devem tomar a peito êsse cumprimento.

Como a literatura, dissémos, se não pode furtar ao movimento novo das sociedades, a arte toma o que quer que seja dêsse movimento, mesmo para não perder a vaidade em ser vista, ouvida ou lida; mas não dando os artistas à arte a grandeza consciente da ciência fazem um amálgama de que se não sai com juízo, nem de mãos lavadas. A ignorância dos povos tem sido guiada pela ignorância dos artistas.

O bom senso, porém, aconselha-nos que tomemos a consciência do movimento geral das sociedades, e que desprezemos a rotina do senso comum.

Escrever peças dramáticas em que se pretende pegar com cuspo aos cérebros das platéas a maligna idéa de deus — imaginativa base da cruel autoridade — escrever peças em que se justifique tolemente, pelo cérebro burguês, o direito de propriedade particular, — escrever peças em que se defendam as trevas da igreja, em que se cative o gôsto em aprender a matar gente para o que se sustenta o militarismo, — peças em que se nos dêem esperanças a uma promessa de um bico de alfinete dos governos de toda a casta — é andar na mentira, no mal, na perfídia e na crassa ignorância.

Um escritor assim é tão prejudicial que preferimos se dê à mandriisse.

Ser útil é a primeira qualidade que a humanidade nos exige. Quando o não possamos ser tentemos não prejudicar; do mal o menor.

Os artistas, dora avante, precisam deitar olhos de ver, para o que se passa em redor de si e pelo mundo todo, precisam acabar de vez com a miséria que percorre nua no inverno sob o gelado abrigo do céu, que se arrasta pelo delírio da fome desvergonhada pelas migalhas

revoltantes da caridade; da miséria que faz prédios enormes e não tem casas, que faz fatos e anda em pelota, que faz botas e anda descalça, faz livros e os não lê, veludo e lãs e tirta de frio, faz pão e morre à fome, em suma que nos dá todos os prazeres e sofre sem pensar todas as injustiças.



As caretas da felicidade

Como passas tu, meu vélho ? Não ha quem te veja. Como vais de saude ?

— Na mesma, meu Frederico. E tu ?

— Eu sempre alegre. Tu ainda não fujiste aos laços da melancolia . . . E' verdade, ainda fazes versos, meu poeta de água doce ?

— Faço-os, sim — respondeu Artur, ofendido pela brutalidade de seu amigo.

— A modo que ficaste escandalizado . . . Se ofendi o teu amor próprio esquece a minha descortesia — desculpou-se Frederico, reconhecendo-se conscienciosamente uma bêsta completa.

— Estás doido ! Não falemos mais nisso. Entre amigos não há ofensas . . . Sempre tens coisas !

— Não é, vi-te assim . . .

— E' que, ao falares-me, não reparaste que eu já aßsim estava.

— Sabes tu o que fiz ? — mudou de conversa o senhor Frederico.

— Diz. Não adivinho.

— Casei-me.

— Os meus parabens, rapaz. E que tal, bem ?

— Perfeitamente. Não ha mulher como minha espôsa.

— Quantos anos tem ela ?

— Vinte.

— Vinte ? ! Ah ! então não casaste com um coração virgem de amores, como desejavas.

— Que dizes ? ! Fui eu o seu único namorado ; de contrário não me casaria. Tu bem sabes que eu sempre tive a mania de que o coração da mulher, acostumado a amar muitos outros, se torna borboleta, e depois nem mesmo na flor do casamento êle descança . . . voa como se fosse solteira . . . Tu percebes aonde quero chegar ?

— Não expliques mais, menino.

— E que me contas tu a respeito daquela rapariga em quem tinhas todas as esperanças . . . a . . . a Matilde. Não se chamava Matilde ?

— Chamava, sim. Nada ha a contar-te, meu vêlho. Acabámos poucos dias depois do nosso

último encontro no Martinho... Há quatro meses, se me não engano.

— Há quatro ? !... E' isso, é ; não há mais.

— ... E por enfado.

— Por enfado ? ! Nunca me enfadei assim.

Depois de saboreá-la talvez me enfadasse... mas antes...

— Tam poucos beijos e abraços lhe não dei eu ! — gabava-se Artur, mais animado pela recordação que lhe passou pela alma os veludos e setins da saudade.

— Sim, deveras ! Mas como lhos davas tu ?

— Ela morava num rés-do-chão, e eu, que lhe ia falar todas as noites, aproveitava-me da ausência dos transeúntes, e beijava-a, beijava-a...

— Mais nada, hein ? — disse, malicioso o senhor Frederico.

— Mais nada ; mas, nota tu, mais nada porque eu não quis. Por isto eu ando triste ; as mulheres, as mulheres são todas o mesmo, com raras excepções. Lembrar-me eu que amanhã poderei casar com uma menina acostumada a dar beijos com a destreza de uma casada experiente !... .

— Tens razão. Por isso eu sempre procurei coração virgem de amores... E quem procura, sempre acha.

— Isso é raro. E' a tua senhora e mais meia dúzia, e disse.

— Não deixas de ter rasão. Diz-me cá, para onde vais ?

— Para casa.

— Vem daí ao hotel, onde me esperam minha mulher e o jantar, os quais te quero apresentar. . . Vens, sim ?

— Aceito e agradeço.

— Ora vai-te com os agradecimentos. —

E fôram Chiado acima. Quando chegaram ao tôpo do Chiado, Frederico apontou um prédio cujo segundo andar tinha nas varandas uma tabuleta em letras graúdas :

Grande Hotel Camões

Fôra aqui que Frederico passara a lua de mel e como tivesse sido bem tratado deliberara ficar mais dois meses.

Entraram. Chegados à sala de espera, Frederico ao amigo pediu que o esperasse, que êle já vinha.

O amigo de Artur foi à alcova de sua esposa, que beijou com delírio, e disse-lhe que ia apresentá-la a um seu amigo, poeta querido das senhoras, chamado Artur da Silva.

Ela dissimulou um leve estremecimento que passou despercebido ao espôso.

Deram-se os braços e entraram pela sala de espera. Frederico ao lado de sua mulher, dispunha-se a fazer as apresentações, quando Artur alegre e satisfeito, esquecendo de todo o consorte, com um desembaraço mais que familiar, correu a apertar a mão dela.

— Ai! és tu, minha Matilde!. . . — Depois emendou — O meu parabem, minha senhora.

Frederico desnortado, boquiaberto caiu numa cadeira. Os braços caídos, o rosto rosado de vergonha e ridículo, os olhos esbugalhados e a bôca escancarada de admiração tornaram-no cómico. E pensava por entre nuvens de confusão:

— Então não fui apresentar ao Artur uma mulher que só êle me podia apresentar a mim. . .



O PETIZ

Na calma de um verão que abafa e estua,
acorda a gritaria, um bravo alarde,
corre o povo à janela, à escada, à rua,
à praça alvoroçada aquela tarde.

E' a hora a que nenhum feliz jejua.
e alguns de guardanapo vão cobarde
lá seguindo um petiz que foje e sua
e esborda em febre onde a loucura arde.

«Roubar pão» — passa logo em muitas bôcas —
«antes 'smolasse pois alguém deixava
«de bem dado lho dar ? cabeças loucas!»

Já preso o rapaz esbulha o pão e o some,
de raiva chora e brada a vozes roucas:
— era p'r'à minha mãe que morre à fome.

Nótula amarelicadinha

A vontade de chegar a um sítio é que constitue o exito que nos levará a êsse sítio. São infrutíferos, portanto, todos os esforços da concorrência ou da enveja que se achessem a uma carreira. Se êles nos soubessem tirar a vontade, nadificá-la, tinham tudo alcançado; mas não começam por onde deviam, mas por onde a sua cegueira lhes indica. E' por isso que ficarão vencidos, como o escalracho, erva daninha da qual o sachozito do jardineiro livra as flores todas de um jardim inteiro.

Os inimigos declarados e os falsos amigos se atacassem e contundissem a raiz, bem iam; mas atacam as flores pela flor e não pela raiz e bem mal vão. As flores desfolham-se agora para daí a pouco alegrarem o ar com a sua elegância e perfume. Ninguem lhes põe o en-

raizado ao sol a secar e por isto nenhum inimigo é de matar, mas de sachar, podar, revigorar. O desejo é raiz que emquanto se não vê espelhada na luz das suas flores e nos sabores dos fructos, jamais descança.

O desejo não é coisa que se arranque sem que se arranque a vida porque viver é desejar, desejar e sempre desejar.

E' verdade que a felicidade está na realização de um desejo, mas não se é de todo infeliz e jorra-se vida emquanto se deseja.

Tôrçam-se desejos e logo os falsos amigos e os inimigos verdadeiros encontrarão a mesquinhez das suas envejas satisfeita; mas a mesma enveja lhes mata a inteliência — se a teem — de que duvido — no torvelinho adoidado das paixões, no labirinto babilónico da rasa estolidez.



Palavras de um burguesão

.....
Afinal, deixemo-nos de coisitas reles, é de dinheiro que a gente precisa. O mais são lérias! Dinheiro, dinheiro é que é tudo! Amor, sentimentos, trabalho útil, dignidade? que diabo será tudo isto ao pé de umas lindas moedas loirinhas como gotas do azeite mais fino?

Ser honrado será muito bom, mas é andar-se nu, só, desprotejido, vadio, morrer de fome. E a gente pode ter casa e casa confortavel, andar bem pôsto, e até chique; e de estômago bem cheio, e quase não ter outra coisa senão estômago, não trabalhar, absolutamente nada; emfim, como temos actividade, dispendê-la em automóveis vertijinosos, bicicletas e gymnástica e assim a gente é muito bem visto; é verdade que por uma opinião de idiotas, mas é muito

bem visto, ora aí está. E até mesmo uma multidão de idiotas, quem sabe, talvez valham pelo número quase tanto como um ajuizado vale pela qualidade.

O que é preciso acima de tudo é viver, e sem dinheiro não se vive, e, ? que é viver ? se não manter-se a gente do trabalho dos outros, dos cegos de olhos abertos e de luz nos olhos, dos cegos de espírito, dos estupidarrões, numa palavra ?

Ora, franquezinha, franquezinha : ? que ganharia eu se acaso andasse como um jesus entre o povo trabalhador, entre o proletariado, por exemplo a dizer-lhe palavras doces de futura felicidade ? Pelo menos, nada. Ganharia talvez o bem-estar da minha consciência — o que não é muito, visto que as consciências dos que mais precisam da mudança radical da sociedade não acham tal mudança necessária. A minha consciência, portanto, só ganharia — vamos lá — com a felicidade dos outros. E quando êstes estão perfeitíssimamente na miséria, que lhes posso eu dar melhor ? Nada, certamente.

Por conseguinte gozar, gozar, transbordar no débil cális da minha vida o licor do gozo, todo feito do sofrimento de outrem, é que deve ser o meu verdadeiro ideal. Tratar de mais alguma coisa além da minha pessoa, para quê ?

se os que estão mal vivem perfeitamente assim ? São como quem se envenena por prazer.

Neste mundo, creiam, não há senão parvos e intrujões. Parvos como os que se embriagam, os que são relijiosos, os que lêem petas, os que teem fé que alguém vá tratar dêles melhor que êles mesmos ; os intrujões são aquele número a que eu tenho a honra de pertencer sem se-quer me sujar um laivo de vergonha ; são os que vivem à custa dos que trabalham e em troca os deixam morrer à fome sem uma palavra de bondade a consolar-lhes a minguia ; são os que fazem justiça que sempre é maldade, e que ao passar inspiram respeito e cumprimentos aos estúpidos ; são os que nada fazem ou os que fazem mal ; eis o que são os intrujões.

Ser intrujão, se não é a coisa mais deliciosa deste mundo, é pelo menos, uma coisa a que a gente se não pode nem deve furtar.

Eu cá sou proprietário — e com muito gôsto ; aqueles mesmos que andam sem domicílio e que andam prestes a ser condenados por vadios, são os próprios que fazem da sua alma o vil capacho onde deixo a lama burguesa da minha ; são os próprios, creiam, que me abrem álas à passagem como se êles me devessem a vida que tanto lhes custa a ganhar, e até me cobrem de sorrisos ; mas sorrisos são, sorrisos

lá de dentro de suas almas, sorrisos puros, não sorrisos de raiva, ódio, mas sorrisos de medo, hipocrisia, sorrisos de quem tem receio de que lhe tirem o pão, sorrisos dados como a salvadores.

De modo que quanto mais proprietário me torno, mais caras pedintes, mais mãos estendidas, mais esmolas eu dou, e mais beijada eu sinto a mão que os rouba e lhes dá um pouquinho do tudo que lhes pertence.

E francamente que heide eu fazer? Êles não teem vergonha alguma a me pedir em esmola aquilo mesmo que eu lhes roubei. E vou-lhes dando alguma coisa porque às vezes me arreio que me possam expropriar; e percebe-se bem, assim dando esmola, conquisto ao menos tapar com uma pequenina migalha a grande bôca esfomeada onde cabia um pão, mendigam-me o que é dêles e vou-lhes dando um tudo-nada e quando lhes não dou, digo-lhes — tenham paciência, irmãozinhos. E os irmãozinhos vão sempre tendo paciência que é boa para os cegos e para as cavalgadas. E se se fazem refilões sou eu mesmo que preparei alguns dêles de tamanhinhos, que os faço soldados e matarem-se uns aos outros. São até os próprios irmãos dos que trabalham, que eu educo para lhes dar balas aos estômagos que

me peçam pão. Eu trato as coisas de maneira que todos aqueles que me produzem tudo ficam de um para outro momento sem nada, até mesmo sem trabalho — que é uma coisa que lhes faz muita falta porque sem o trabalho se não justifica a fome que passam. Sem trabalho, pois, e caladinhos como ratos senão lá lhes mando os seus próprios irmãos a lhes darem cabo dos tristes canastros.

.....

Ainda assim, no meio de tudo, reconheço que nada chega à vida do pobre. É a minha maior mágoa é já não poder ser pobre! Eu o quero ser mas os operários não mo consentem.

E, francamente, deve ser tam bom, deve fazer tam bem à fibra! É a consolação que nos vem de ter um pedaço de pão e rezar um padrenosso, ave-maria e salve-rainha, para que o pai celeste nos perdõe a fome que passamos. Só isto é de regalar um homem!

Se fosse operário não queria outra coisa senão trabalhar e andar sempre a morrer à fome, até chego a ter pena de não ser pobre; porque assim proprietário como sou e bemquisto — até passo por ser bom rapaz a dar esmolas — não padeço mesmo nada, mesmíssimamente nada. E se fosse o incansável trabalhador que moirejasse, pelo menos p'r'aí dezasseis horas

por dia, num trabalho fatigante, num trabalho que me não deixasse ser mais do que uma cavalgada, então sim, que era honra de se me tirarem os chapéus, ainda mesmo que mos não tirasse senão a minha consciência. Mas assim, proprietário como sou, sem me faltar nada, tendo ao primeiro sinal de dinheiro — até mesmo a justiça que se não vende — a polícia que se não compra — os ministros que estão ali unicamente a tratar do povo, perfeitissimamente esquecidos de si, mas notem bem, lembradíssimos do povo — eu que tenho tudo quanto desejo, sinto-me aborrecido, creiam, por nada ter que fazer, nada.

Que faço eu? E' verdade que emprego o melhor das vontades em aumentar a prostituição com as mulheres, as mães e as filhas dos que eu roubo com o maior direito dêste mundo, porque sou homem descendendo directamente de DEUS. Sim, eu cá pelo menos não sou filho do macaco; filhos dos macacos são os operários que macaqueiam os pais na costumada rotina; eu tenho sangue azul, sou filho de Adão e Eva, criados por deus, que é uma pessoa simultâneamente muito grande e muito pequena; muito grande porque está em toda a parte — até naquela que nós sabemos; e tam pequena que ninguem a vê, nem dá uma

simples notícia dela. Agora o meu sangue azul nem falar nisso é bom, vê-se até mesmo nestas veias azuis, como tiras de céus de abril. E, aqui p'ra nós os operários que é que teem? Irgam lá. Cállos e mãos grossas que até metem nojo a quem seja um bocadinho limpo, assim como eu, que lavo os pés de oito em oito dias, e a cara trezentas e sessenta e cinco vezes por ano (se não fôr bissêxto, claro está).

E, portanto, só o meu dinheiro que é tudo numa palavra e é bom que se saiba que sou um burguesão e que tenho muito gôsto nisso, e senhor do meu nariz. E quando eu imajine que há por aí alguém que se atreva a pensar sequer, notem bem, a pensar em mal me fazer, eu ferro-lhe com meia dosezinha de Timor, e disse. Fecha a porta e ri-se.



À sombra da tarde

Cristala enorme o tréfego barulho
e a algazarra e o bailar e as gargalhadas
de um ranchel de meninas delicadas,
à sombra de uma tarde em forte julho.

Qual vaga lesta e múmura em marulho,
umas brincam de filhas adoidadas,
outras de mães ditosas decantadas
dando embalo às bonecas num arrulho.

A Terra diz adeus ao Sol, girando,
se torna a clara luz em céu-vermelho
e a saudade entristece o dia, quando

— rápido cessa o festival trebelho —
co'a magra mão estendida, mendigando,
caminha no silêncio um triste vélho.

UM PAI

Auto-acto em prosa

AS PERSONAJENS SÃO :

Um pai tão cheinho da geada da vida que se diria avôzito.

O rapaz tam imberbe, implume que ainda parece na infância.

(Na parte mais alta da mais alta montanha, rodeada de azul celeste, ofuscante de sol. É meio dia. Tudo grita calor, força e primavera. Uma só árvore — solitária como a saudade — muito frondosa, se deixa estuar e crestar à prepotência do dia ardente para que a bondade da sua sombra ampare a quem suba a tão subido cume.

Um rapaz imberbe — lábios de rosa — mãos enclarinhadas, uma sobre o coração a agarrá-lo para que não salte e fuja nos seus sobressaltos, a outra por a dentro dos cabe-

los todos da cabeça, os quais, parece, serem chuva ondeada a escorrer-lhe em filigranas de oiro pela nuca, pelo colo e pela fronte, iluminados de brancura. Um desespero constranxe aquelle rosto, um frio de morte aperta as pétalas de flor de que se formou o seu semblante.

Abeira-se mais do pincar e mede o precipício e a despedir-se, olha o sol que o enche todo de luz, que o entonetece de vida e lhe põe tonturas nas fontes. O rapaz de tam claro e loiro e delgado e gentil dir-se ia um raio de luz do mesmo sol; de tal modo estava confundido com tanta claridade.

Um ancião, que alumia as noites negras do seu peito com o luar da sua cabeça, desponta do outro lado da montanha, fatigado e timorato como passarito afastando-se à morte.

O rapaz não se volta, não o pressente. E' o vêlho que lhe poisa a enrejelada mão no seu ombro empedernido, mas tem que lhe tocar para que o penedo da meditação dê de si. O rapaz desperta e comove-o mais a amargura daquelle vêlho do que prôpriamente a sua. Há sempre uma desgraça maior por mais que se suponha que a grandes desgraças não pôde sobrevir outra peor.

A comoção envolve-os, cinje-os, enlaça-os, arranca-lhes lágrimas e mistura-as, as de um com as do outro. À sombra bondosa da árvore — que está ali como um raminho de flores levantado ao céu — convida-os e eles sentam-se, não em bancos que não há, mas nas próprias raízes da árvore que bordam o chão e de tão forte bordado que o chão se enerra todo.

Sentam-se. A sombra protege-os. Parece que uma clara nuvemzinha de bem-estar anuncia venturas.)

UM PAI

Se neste mundo se pode com um grande amor amar a mesma pessoa duas vezes, é assim que eu te amo agora. Um pressentimento dava-te morto. Vejo-te com os olhos alegres como dois dias lindos de chuva, e é como se tu me tivesses nascido outra vez. Com o amor com que podia amar dois filhos eu te amo só a ti. Uma roseira tem muitas rosas e a raiz alimenta-as a todas e com muita carícia, e não admira, pois todas as rosas são filhas dessa raiz. Mas a roseira tem só uma e as fôrças que a raiz distribuiria por muitas, junta-as e reúne-as numa só flor. E' assim que eu te amo. O sol não quer mais à terra.

O RAPAZ

Meu bom pai!

UM PAI

A vida é uma balança que quando não está falsificada, não é possível conservar-lhe os prazos num equilíbrio perfeito; um há de descer, o outro, já se vê, ha de subir. Se o equilíbrio justo se mantivesse, a balança, claro, estava falsificada. Isto quanto a movimento; agora quanto a feitiço a vida é saco larguíssimo onde cabem, à vontade, a verdade e a justiça, a intriga e o crime, a traição e a miséria, e ainda sobeja vida. . . p'ra quê? para mais virtudes? para mais vícios? O futuro falará; A vida é muito grande, os seus seios são as grandes montanhas que jorram e respiram belo oxijénio; o seu coração é cheio de lavas e cada paixão escancára a cratera de vulcão, pondo-lhe à mostra os dentes vermelhos estilhaçando-se uns aos outros; ou na terra abre lábios rubros por onde línguas de fogo lambem e beijam os ares e aquecem as estrêlas; e o seu cérebro, êsse imenso firmamento com um forte sol cheio de luz como o ideal e a beleza e a bondade, e miríades de pensamentozinhos que, quando a noite adormece, é quando afluem tanto e tanto que até parece não acabarem nunca de afluir. Não to-

mes, porém, a sério o que te digo. Não porque não seja o que sinto e penso; mas nem tudo o que a gente sente e pensa é verdade, ainda que seja a vida. A verdade precisa mesmo quando padeça do defeito da vida — pois está dentro do tal saco e não esquecer o prato da balança a subir e descer — precisa a verdade, repito, estar não só dentro, mas também fora de nós — haver um relação irmã que a una. Ora tudo isto vem a propósito da rapariga. Que tens tu com ela? que tem ela contigo? querias com os teus beijos arrancar-lhe um filho dos seus beijos? Mas ela não no quis? E então? que fazes? Que vem a ser a liberdade, meu rapaz? Desejavas que te obrigasse a sentir e pensar ao contrário do que fazes? Não era um martírio? E improfícuo? Queres tu, porém, impô-lo a ela? Cautela: Não dês a outrem o que te não serve. Falo-te assim, meu filho, porque gosto de ti como a raiz deve gostar da flor que lhe saltou do seio.

O RAPAZ

Meu bom pai, tens sido tão bom para mim. Ser enjeitado deve ser mau para quem te não encontrou. Para mim, não. Tenho-te a ti. És o meu pai. Não sei quem eram os meus; enjeitaram-me, mas o coração diz-me que o meu

não seria melhor do que tu tens sido para mim. Até abençoou aquele pensamento que levou os meus a enjeitarem-me... encontrei-te a ti — o verdadeiro pai...

UM PAI

Já vês meu filho que quem te quer assim, quere-te a valer. Se o ar te tocar mais forte eu logo julgo que te leva, e sinto sobressáltos que a raiz deve sentir se o vento lhe quiser desfolhar as flores.

? Tu nunca viste uns olhos verdes em rosto moreno e cabelo negro, olhando de um lado ao outro e cada olhar é chama, que se não queima, afasta de medo? Olhos nus das pálpebras? como se a loucura por êles entrasse e não mais quisesse dêles sair? São os seus olhos dela. Destes olhos é preciso terem receio os teus que são sinceros. O que ela te fez agora fazia-to depois. E não a debes magoar lá no seu amor dela: se te matasses, ela não mais viveria feliz. E' preciso que ela possa ser feliz, já que tu o não serás.

O RAPAZ

Mas ela ainda assim não é tam má como êle, que se dizia amigo e atraçouu a amizade para me roubar a vida...

PAI

A vida...

O RAPAZ

O motivo dela (*reflectindo*) Perdõe-me...

UM PAI

Estás perdoado, se é isto que tu querias. Um pai nunca é motivo de vida; o filho é flor que já tem sementes que querem pegar à terra e fazer raízes novas. Um homem não deve esperar gratidões; mas a esperá-las, devem vir do seu neto e não do filho. Só um neto é que lhe põe o filho como seu igual — como pai. Deante do neto são dois pais, esquecendo-se um que o é do outro. O que é mais tenro é sempre o que nos merece mais cuidados. E afinal o que é mais rijo é que se quebra mais depressa e não tem concôrto, o que é peor. A velhice. Uma estrada percorrida. A cabeça cheia de luar; a bôca — não a vês — talvez fôlhas de rosa, mas com certeza em pedra, e pernas que nem hastes. Quando muito só se sabe pensar, e estar calado que é a melhor maneira de pensar, se porventura a mão tenra de um filho nos não abre o cofre de jóias onde — deixa-me dizer-te — as palavras não são os brilhantes. A eloquência é bri-

lho de rapaz, mas um rapaz anda perto da criança ou da loucura. Puxar-lhe o lustre também não é para as fôrças de um velho. Adeante. Tornando à vaca fria. Deixa-a abalar. Ela leva-te algum bocado? Se ainda houvesse o elo de um filho? Mas assim, sem nada? Amor, é verdade: mas amor teu e não seu. O amor só é legítimo quando os dois se equilibram, ainda e sempre como os pratos da balança. Agora quando só um é que faz pêso, p'ra que se ralar o outro prato encarrapitado? Deixa-a ir que vai bem. O vento ensina muito a gente. Bate nas flores, e dos seus seios leva-lhes as sementes e vai lá dá-las a outras flores que no seu caminho encontra. Queres que vá apanhar o vento às mãos cheias, e prendê-lo nas mãos? Impossível, filho. Não te mates, rapaz, porque se te matas, contigo me matas. E' preciso ver que te não cortas a ti só, flor, arrancas contigo a tua raiz. Se o queres fazer, faz; a vida é tua, e não só a tua é tua vida; mas até a minha. A que tenho não me serve para outra coisa. Não custa morrer. E' facil. Qualquer o faz. Viver é o difícil. E quando a vida é um tojal, peor.

O RAPAZ

E' o que tenho agora no coração, um tojal;

para onde me volte, dilacero-me e não ha maneira de fujir aos espinhos.

UM PAI

E' melhor estar quieto ; só sofres os espinhos que te rodeiam ; quieto não te atijem os que te ficam lonje.

O RAPAZ

Parece, porém, que o desespêro se só contenta de esfacelar o coração por todos os estiletos de um tojal.

UM PAI

Faz o que quiseres, repito.

O RAPAZ

Continuo na mesma. As tuas queridas palavras não me roubaram a intenção.

UM PAI

Olha, caminha como te apeteecer ; mas, se me dás licença, direi o que me parece eu faria nessa tua idade, nessa tua situação, nessa tua arrelia.

O RAPAZ

Diz.

UM PAI

Tu já pensaste se tinhas direito de tirar uma coisa, quando fazê-la só pertence às leis naturais? Se a dor te apertasse o viver e não houvesse saída pela morte, não te levaria a mal que inventasses o suicídio, (*sorrindo*). Ganharias com isso a fama de todos os médicos juntos, e de todos os militares gloriosos. Mas se a morte já está inventada? Que lucras com o suicídio?

O RAPAZ

Eu na morte não procuro a glória, procuro nem a mesmo fazer por sentir que ainda é mais.

UM PAI

Pois sim, mas a vida ninguem a deve largar; com unhas e dentes agarrar-se-lhe e não a deixar mais, deve ser o fito. Sem vida de nada serve o mais que haja. A felicidade vem depois. Primeiro que te fale no que te quero falar, vou-te eu contar um conto, e sem acrescenta de ponto. — Era uma vez uma borboleta que quase não fazia mais do que bem amar outra borboleta e todas as flores, como se ela fosse também uma sua irmã — ou mensajeira dos amores das flores, flor que voasse ou flor dos ares; a raiz andava-lhe nas azas. Pois esta borboleta que

andava sempre perfumada pelas rosas e lírios, sabia perfeitamente que a vida consistia toda no fogo — mas não recebido de jacto, mas sim pouco a pouco. Ora, doida como namorada, botou-se ao precipício sanguíneo de uma luz, e enrolou-se na filha do sol a qual logo a carbonisou toda. Suicídio vermelho, que até de vergonha ruborisou as labaredas, que se arvoravam como bandeirolas alegrando o rubro sepulcro. Menos uma vida e mais uma cinza de cinzas que se não encontraram naquele inferno.

O RAPAZ

Inferno tenho-o eu no peito ; se a lembrança dela me morresse cá dentro como esse insecto !

UM PAI

? E por que não ? A vida tem um bom cemitério para certas coisas — o esquecimento, é vala comum onde se enterra a perfídia ao pé da gratidão, a saudade junta à esperança ; e tudo lá dorme, durante a noite de olvido, como crianças cansadas de brincar durante horas de alegrias.

O RAPAZ

Bem, meu pai. Não me vou. Mas como hei-de eu encher esta vida ? como ?

UM PAI

Ora é isso que o teu pai te vai dizer com a experiência do tempo e o cansaço da vida. Escuta.

(o pano começa a descer serenamente)

O RAPAZ

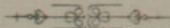
A mim a morte parece-me agora um saco muito comprido e muito preto — sem fundo. E tenho medo.

UM PAI

O medo é bemfazejo quando nos afasta do mal. Ora escuta.

(o pano desceu todo)

Ponta Delgada — San Miguel — Entrudo de mil novecentos e dez.



Sonhando

Tens encantos,
e são tantos,
minha flor,
que eu quisera
(quem me dera)
teu amor.

Ondas de oiro
tua trança.
descaída,
é tesoiro,
é bonança
desta vida

Dessa bôca,
fonte-lume
de mil beijos
talvez louca,
que perfume!
que bafejos!

Dêsse olhar,
que lampejo
êsse, sim!
que de amar!
e não vejo
outro assim!

De teu seio
a brancura
outra aqui?!
não, não veio,
que frescura,
nunca vi.

Que alegria
me sorria,
se o amor
de teu peito
for sujeito
a mim, flor!

Que ciume
se o perfume
de uma rosa
te incensar,
se te amar,
flor mimosa.

Que desgosto
se o teu rosto
prateado
for da lua
que flutua,
bem amado!

Se tu passas: primavera
sorri, abre suas flores,
e debil sol te quisera
não queimar com seus calores.

E se falas?! a aura cala
seu fremir, e o passarinho,
que do amor cantava a fala,
queda-se mudo em seu ninho?

A bôca apetitosa
parece mesmo flor,
como o abrir-se a rosa
ao sol, à luz do amor.

E do colo a brancura
são quais rendas de aurora
a tremer de frescura
se a manhã de abril chora.

E dêsse olhar o lume
orvalhado de amor,
e êsse doce perfume
e essa linda côr.

E aquele olhar brejeiro
lindo, de namorada,
e o seu cair ligeiro
nos encantos de fada.

E chorar! como choram
se a dor os contamina,
como assim se namoram
do pranto que os fascina.

O' minha doce fada,
tu és muito mais linda
que uma manhã rosada,
oh! muito mais ainda.

do que a manhã que chora,
do que a flor a sorrir,
que o deslizar de aurora,
que do sôl o partir.

Ou queixumes da brisa
nos seios de uma flor
que p'los ares deslisa
o aroma, o seu amor.

O' minha doce fada
oh! és muito mais linda
do que a manhã rosada,
oh! muito mais ainda!

Vermes

Um pedaço dramático

AS PERSONAJENS SÃO :

Um bêbedo

Um outro

Um homem

Taberneiro

Um garoto

Um garotinho

Um bebedor

Um rapazola

Uma mendiga

A mãe

(A acção decorre numa taberna que tem o seu balcão numa diagonal tirada do fundo direito à direita baixa, do espectador. À esquerda média uma porta única que respira o ar da rua. Muitas mesas, todas cheias de gente que grita, ri, resmungo, rouquenha, etc. Quase todos bêbedos. Um rapazola serve às mesas. Dentro do balcão o Taberneiro trabalha, lavando os copos e escorrendo os, etc. Por fora da porta da rua percebe-se a luz do dia, a jorros, mas que ao entrar na taber-

na perde o seu brilho de alegria e amortece por entre os vapores do alcool e o fumo do tabaco.)

UM GAROTELHO

(Abeira-se de Um beberrão e, com um cigarro na bôca e as mãos em forma de côco, pede lume.)

UM BEBERRÃO

Sim ? que é ? Não sabes falar ?

UM GAROTELHO

(indica que está ali alguém que se o vê fumar, lhe chega a pavana.)

UM BEBERRÃO

Bem, toma.

UM GAROTELHO

(Recebe os fósforos, acende um, e põe-se a fumar, de olho fechado, e o outro choroso, pestanejando, de cabecita à banda; e depois de servido entrega a caixa de fósforos a Um beberrão, agradecendo-lhe com a mão e certa familiaridade como de homem para homem.)

UM BÉBEDO

Venha vinho.

UM OUTRO

Ainda mais?! Bebe lama!

UM BÊBEDO

E' só um copo e disse. Cacho já estou. Agora é um bago. E um bago qualquer passarito o toma. Um almude de vinho não se embebeda porque enxuga uma gota mais.

UM OUTRO

E eu a mesma coisa. A mim o que me desafina é sempre a última nota de vinho. E' sempre a que me põe a dobrar as coisas e a bailá-las deante dos olhos.

UMA MENDIGA

(*entrando*) Uma esmolinha. Tenho lá em casa dois filhitos que me ficaram adormecidos na mesma laje que faz de cama — a fria laje é como um cadaver — arripia a gente.

UM OUTRO

Mas, ? o pai não lhes pode dar pão ?

UMA MENDIGA

Não pode, meu senhor; foi para a Africa para soldado; uma campanha com os pretos.

Da morte ninguém levanta braço para dar esmola, nem mesmo aos seus, aos mais queridos aos filhos.

UM BÊBEDO

E' por isso que eu bebo. Não posso aturar tristuras. As tristuras são enxadadas abrindo uma cova funda... O vinho tem dentro de si um abismo por onde o desgosto rola e esquece.

UM HOMEM

(que entrou) — A vida para o ser não precisa de vinho que é efectivamente a enxada do olvido. Mas tanto se esquece o mal como o bem, e isto é que é o diabo. E quem vive precisa ter uma fresca aurora no futuro dos seus olhos e venturas no peito para dar a rôdo.

UM OUTRO

? Quem diabo está falando?

UM BÊBEDO

E' um bêbedo lá de outras bebidas.

UM HOMEM

Perdão, como padeiro vim trazer pão. Só bebo água pura, e quando bebo ; tomei arrelia

ao feitio de beber que é sempre o mesmo, já para a água já para o vinho. O vício é na aparência como a virtude; bebe-se com o mesmo jeito: copo à bôca e toca a emborcar; o sabor é que é diverso, e o efeito é que é horrível.

UM OUTRO

Ora venham mais dois copos, para se fazer uma saude ao orador.

UM HOMEM

Não, p'ra mim. Não ia levar vinho em troca de pão. O pão não se troca por bebidas (*sai*).

TABERNEIRO

(*arrecadando os pães*) — Vocês são levadinhos da breca. Êle tambem foi às do cabo. (*à Mendiga*) — Eu hoje não tenho pão duro.

UMA MENDIGA

Tenho eu dura a vida.

TABERNEIRO

Coma-a.

UM BÊBEDO

Não pode; é toda ossos, só se se puser para aí uma vida inteira a roer-se a si mesma.

TABERNEIRO

Tenho eu culpa disso, ó mulherzinha ! Pois se não tenho, andar é o caminho. Ora o diabo do figo mirrado. Fogo te abra-se. Que corisco !

UMA MENDIGA

Se não fossem os que estão lá em casa, pequeninos e sem culpa, quem os roubava a vocês todos, sei eu quem era. (*sai receosa*).

TABERNEIRO

Vai-te.

UM BÊBEDO

Eu também tenho filhos ; mas trabalho que é assim que eles vivem ; de contrário morriam à fome.

UM GAROTO

(*entrando, depois de procurar por todos os lados da taberna pergunta mecânicamente*) – O' sôr Jerónimo, minha mãe manda perguntar se meu pai se foi há muito ?

TABERNEIRO

Teu pai saiu há bocado.

UM BÊBEDO

Tu queres um copázio de vinho ?

UM GAROTO

(*saindo*) — Nada que minha mãe diz que faz a gente doida.

A MÃE

(*entrando*) — Está para aí o meu homem ?

TABERNEIRO

Olhe-o, acolá. Vá, que ainda não está cheio.

A MÃE

Bem sei, para o senhor nunca ninguém está cheio enquanto os barris não estão vasiaos.

TABERNEIRO

Vá lá largar piadas para quem a fêz. Ora o raio da lambisgoia. Figas canhoto. Então não queria que eu bebesse o vinho todo!

UM BÊBEDO

Para que vens tu aqui insultar quem está ?
Porrada é que tu precisas, meu estuporinho.

A MÃE

Eu venho aqui por querer que me dês dinheiro para aguentar o sustento dos filhos. Eu sou mãe. Se tu não sabes ser pai, boto-me aí pela rua fora, e os filhos não me morrem à

fome ; e quanto ao pai consuma a vida e a féria na taberna. Escolhe. Ou faço isto ou mudas de vida. Escolhe e depressa que eu não posso esperar mais.

UM BÊBEDO

(já de pé) — Bêbedo hei-de ser toda a minha vida. E já o era antes de ti. Os filhos não são só meus. Se tos encomendei, ? p'ra que satisfiseste a encomenda ? A culpa tambem é tua. E' muito bôa.

UM OUTRO

Bem, bem. Deixem isso p'ra logo, lá para o cortiço.

A MÃE

Eu por mim tanto se me dá. Em casa já nada lhe digo. Tomara eu que êle não desperte as crianças quando entra. Acordá-las é acordar a fome. E um pedinchar que não há corações que possam ouvir.

UM OUTRO

E aqui, deante de todos fala você. Tem juizo. Logo lh'as paga êle.

A MÃE

Ora . . . Falo para ver se a vergonha o muda

Eu e os filhos nada conseguimos. Os estranhos, talvez. E' para isso que serve a vergonha. Podem mais os estranhos nestes casos de que os próprios mesino com fome. Eu não cômoo desde ontem, desde ontem que me não entra pela bôca um bocado de pão, nem um mendrugo, e tenho um pequenino — o meu rico filho — a amamentar. Já não é leite, é sangue. Aonde isto irá dar não sei, grandes céus.

UM BÊBEDO

Bem, bem. Para escândalo já basta. Tu marchas para casa, senão temo-las bonitas. Pego-te assim no gasnete e eras uma vez.

A MÃE

Ah! Deixa-me, deixa-me.

(Todos se intrometem e arrancam dos braços de um Um bebedo A mãe.

Cai o pano

Ponta Delgada — Sam Miguel — Dia de Cinzas de mil novecentos e dez.

NA ERMIDA

Perfuma a nave a téda e o incenso o santuário,
no terso altar mui chora o Jesus do suplício,
uma crente contempla as carnes por cilício
chagadas e p'lo ferro e ódio de sicário.

De mãos está pregado o hirto solitário
fitando-a de entre a vasca e a promessa de um vício,
de anágoa ela o percebe e no instante propício
p'los almos dedos corre as contas do rosário.

O dia é jaspe e farto o sol, ténue a frescura,
do níveo Cristo cobre o púbis — líneo véu
como fimbria de sol de clara luz e pura ;

prónubo ilapso alarga a alma em jubiléu
e desprega-o da cruz e abraça-o com tenrura
e por lavas de amor com êle sobe ao céu ! . . .

◎ garoto

Era um petizito. Um calção rôto, uns suspensórios mal amanhados e camisola, eis a sua roupa toda. Contava o garoto sete annos, se tanto.

Um pouco anguloso, forte, certo ar de homem, acostumado a encarar o sol ao meio dia e a vida no sofrimento. Talvez hábitos reflectidos do pae, um lavrador de terras alheias, enorme como a força, produtivo como o trabalho.

O petizito, de pé, de mãos na barriga da calça, metidas pelo cós; o corpo, um tanto inclinado para trás, tomava-se do sol que lhe dava tanta luz que até os seus olhos tinham de chorar para não ficarem cegos.

Era assim, na bondade dêsse calor, que se vestia melhor e os seus pés descalcitos, se calçavam.

As vezes um riso entreabria-lhe a bôca, e enchia-lhe os olhos de certo modo altaneiro, se o feitor da Quinta Grande o ameaçava por êle ir de vez em quando saltar o muro dentado de vidros. com cuidado, sem chagar os pés e as mãos, e emmaranhar-se na frondosa figueira a paparicar-lhe os figos, contente como um pardalito.

E depois — parecia — os figos debruçavam-se tanto, curvavam-se tanto e ofereciam-se-lhe tanto à porfia que o garotito, às vezes, com muita água na bôca, lá subia a comê-los.

O proprietário da Quinta Grande aconselhava o seu feitor a castigá-lo: — «que diabo! já não era pela quantidade de figos que o rapazelho podia comer, nem até mesmo pelos que estrá-gava assim como a ramos enteiros nem ainda pelo mau exemplo à garotada do sítio de lá lhe ir saltitar toda de uma assentada; não era já por isso, que êle, proprietário, não era avarento; mas sim era mais pelo lado moral: que seria o rapaz lá ao adeante da vida quando era agora mais ladrão de que um pardal? Era só isto. Não havia remorsos de nada. Já haviam prevenido o pai do rapaselho, e o pai nada, não se importava, só respondera: castigue-o, se quer, que eu não posso mais».

Anoitecia, e o horisonte era uma grande

paleta onde todas as côes, todos os matizes, todas os cambiantes, inquietos e levianos, se sucediam e se afundavam numa só côr — no luto da noite.

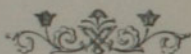
Já lá vinha perto o feitor, mesmo encostado ao comprido do muro, escondendo-se pela sombra do renque das figueiras, sobraçando uma espingarda de caça e pé ante pé no terreno, à cautela.

O rapazito não o pressentira lá adentro da frondosa figueira; sossegado, a cavalo num tronco, a comer um naco de pão com o conduto dos figos. Uns pardalecos novos que noutra ramo arranchavam, safaram-se rápido e o rapazito ia a fazer o mesmo; era sinal de que alguém se apossimava. Mas uma detonação, um restolhar do chumbo pelas fôlhas da figueira, coscuvilhando silêncios, fizeram cair alguns figos, algumas fôlhas. O rapaz também caíra. O rosto, as mãos enclavinadas e os joelhos, retorciam-se de encontro ao próprio coração. Dois grãos de chumbo atingiram-no e caíu como passarito.

Para aquele lado do feitor o rapazito numa contorção angustiosa ainda ria um sarcasmo provocante. . .

Os crepes da noite desenrolaram-se todos. Nem o oiro de uma estrêla nos ares de luto

apenas ali nuns palmos de terra o brilho de um sarcasmo provocante na carinha de uma creança mortazita que ria, riã . . .



O marido que faz experiencias para conhecer sua mulher, assemelha-se àquele que, por moda, usa lunetas com as quais passa a ver menos.

Amar

Exames estão à porta
e bem te quero aprovar ;
mas eu sinto que vai torta,
tua sabença de amar !

Não é namorar assim
como tu a mim namoras,
dou-te uma raposa, enfim
se deixas perder as horas . . .

Não me esperas à janela,
me não olhas bem a fio,
eu a dar-te sempre trela,
e sempre, credo, nem pio !

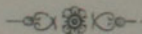
Olha que me não ensaio
se não a amar-me tu ousas ;
crê, fora de mim eu saio,
e dou-te duas raposas.

Amanhã eu te examino
nestas músicas de amores,
se não trinas como eu trino
não te posso dar valores. . .

Numa só pergunta incito
por muito várias razões :
? qual é do verbo o infinito
que entra em nossos corações ?

Se, já já, não responderes
à pergunta que te incumbo
— costum-me certos deveres —
mas tu apanhas um chumbo.

Tem tu santa paciência,
e perdoa êstes rigores,
pois que não tens freqüência
alguma disto de amores.



TUA JANELA

Ai quanto me incomoda
a janela mui alta!
me confranje a alma toda,
e toda a sobressalta!

Se te inclinas a ver-me,
a tua queda eu sonho,
e pressinto perder-me
se te perder supponho.

Se te imita uma sombra
descendo da janela,
a servir-te de alfombra
correndo em vou p'ra ela.

Mais do céu que terrestre
a janela, em verdade,
ó dor, a mim vieste,
e sem dó nem piedade!

Mesmo estando acordado
sonhando chego às vezes
em meu febril pecado
e nisto levo meses . . .

Não te debruces tanto
que pode vir mau dia ;
sem teu corpo e encanto
de mim, pois, que seria ?

? Que era eu sem essa luz
do teu olhar tam doce,
que tanto me seduz
e tanta luz me trouxe ?

Eu, ? que seria rosa,
sem tua trança preta,
qual mar, mui ondulosa,
e luz de setineta ?

? Dos meus beijos ardentes
sem essa linda toca,
sem êsses lindos dentes
que enfeitam tua bôca ?

O' alvo de desvelos
e doce mimo, encanto
melhor dos sonhos belos,
oh não te inclines tanto !

Em maré de rosas

Nunca me fêz moossa a existência de Deus, nunca me conseguiu roubar mais que meia hora das vinte e quatro que o dia tem. E compreende-se, não preciso de Deus. Eu só preciso que os meus — ia a dizer fregueses — clientes — é mais doirada a pílula, só preciso que os meus clientes acreditem nele. Eu não. Isto é profissão como outra qualquer em que se está para ganhar a vida. Tinha de me encostar a qualquer lado; como comia para viver, — ao contrário de muitos que vivem para comer — tinha de comer pão. e pão de ganhar; que o orgulho nunca me deixou estender a mão, para os outros, a pão de pedir. Para o trabalho útil nunca se me inclinava o cérebro; ou por outra, que é melhor por ser a verdadeira, porque a mandriice sempre andou de braço dado comigo

Não sou para lutas, violências. Palavra que tenho até bem a certeza de que se quisesse ser útil às gentes, o não seria, e, ainda mais, só a mim me prejudicaria. Por conseguinte eu me conformei obrigando, por seu turno, a que a minha profissão também se conformasse comigo.

Gosto de ser padre, comer e beber. . . água que não é capitosa. Gozar a natureza no seu nu inverno, na sua florida primavera e mais coisas que a natureza tem, que são tantas que não dou conta do seu conto. Gosto de assimilar a vida que a morte desassimilará. Fazer dela martírios, não sei; e se o soubesse, não o faria, que não estava para isso. Espera por essa. Quem era tolo? Nem mesmo é coisa digna de gente que se preze. Digo missa só para servir os meus interesses, nunca porque goste de esta arte, mas para me consolar de ver essa gente consolar-se da sua fé.

Sou hipócrita, mas não tanto como alguns do mesmo ofício. O que eu quero é a minha ambiçãozinha satisfeita — estas coisas necessárias que andem em maré de rosas; — a mulher — que é uma santa, o filho — que é a menina dos meus olhos, e eu — de quem gosto bastante; — a família, enfim; e o que tem mais graça é que somos uma perfeita trindade. Pa-

dre, filho e espírito santo. O espírito santo, claro está, é a Rosa.

Quê? Privar-me do gôsto de ser pai? Tô carocho.

Ter uma mulherzinha como tenho é que eu quero; mulherzinha de cabelos côr de carvão e como êle brilhantes, toda desenxovalhada, toda branca e de ponto em branco toda, que faz arregalar os olhos a todos e morder o beiço a muitos; e muito asseada, cheirando a rosmaninho; e a alfazema a camazinha toda de incenso perfumada, empolada de curvas feitas por mãozinhas côr de rosa, que só ela tem, unhas muito brancas, mãos cheias de desvelos, mais claras do que água limpa. Deixar tudo isto? Nada, amigo, primeiro a vida. A morte virá depois.

Da morte faço eu troça quando me deito e adormeço. A vida, crê tu, quer-se vivida em toda a sua fôrça. (*O sol bate lhe em cheio*). Olha! vê, cá está o brejeiro do sol a pôr-me fogo no corpo para eu o queimar na fecundidade.

— Oh! tu variaste!!!

— Variei? Variados andam vocês por quere-rem sair fora da natureza. ? Que melhor obra pode um homem saudavel deixar neste mundo, do que os filhos? Êsses artistas de água doce e muito mais baratos que um vintem três, é que

gastam a mocidade encostados às carteiras a fazer versozitos, romances, pinturas, músicas, para serem aplaudidos. . . e esquecem-se de fazer filhos. Façam filhos que é o que devem fazer, e não fazem mais de que desempenhar o melhor papel da natureza. Depois, se ficar tempo, façam versos. Também não digo que não.

Olha como o meu filho é bom de compleição, cheio de vida e saúde; de saúde então que é o que me honra mais. Eu já disse: — aprendam os filhos a profissão que lhes dêr mais no gotto; mas há uma que êles teem que tomar a peito e a valer — é a de serem pais, e de filhos bem robustos e irrequietos como a alegria. Há lá nada que saiba melhor do que muita saúde em meia dúzia de filhos!



Saudade

O viver a desgraça me junca
em dor tanta que o ser persuade
de que para esperança hei um nunca,
para amargo prazer a saudade.

Nunca mais te verei, nunca mais,
e talvez nunca mais me verás;
eu agora sou já com meus ais,
nunca mais gozarei minha paz.

? Por que não me disseste de amor
o que amor sentiria prazer?
tu me foste um aroma de flor
que passou a fugir, a correr.

Que perfume subtil, bemfazejo
e mais leve que a pena da ave,
abalou, se sumiu como beijo
bem furtado num furto suave.

Foste nuvem que gira no espaço,
se desfaz assim qual um desejo ;
me fujiste, sem dar um abraço,
e me voaste sem canto de beijo.

Se me vires a amar numa cena,
tu a amar me verás só a ti :
nunca mais a minha alma serena
sem te ver como já eu te vi.

Viverei eu tam só da lembrança
de me vires olhar à janela ;
distinjiu-se êste verde da esp'rança
só me prende saudade sinjela.

Vi, amei-te e deliro p'la hora
de te olhar, meu amor, de te ver ;
sou qual ave que espera a aurora
p'ra sentir, p'ra cantar, p'ra sofrer !

Eu nasci para ser como triste,
para mim se furtou a esperança,
pois alegre eu te vi, tu me viste
— de não ver-te a minha alma se cansa.

Sinto a flor da saudade em meu peito
mais viçosa em minuto que passa,
sinto o lindo meu sonho desfeito,
do viver se voou terna graça :

pois a vida a desgraça me junca
em dor tanta que o ser persuade
de que para esperança hei um nunca,
para amargo prazer a saudade.



A caridade verdadeira é camisa em corpo
de senhora honesta — nunca se mostra.

VIDA

Corre o perfume da flor
a incensar o rouxinol,
que de cânticos de amor
maravilha a luz do sol.

Um surrateiro regato
vai, molha os pés à folhagem,
e sorri-se, e com recato,
com as cócegas da arajem.

Uma fôlha da floresta
desprende-se e cai ao rio,
arrasta-a mágoa funesta:
nenhum botão lhe floriu.

Duas borboletas voando
juntas enchem o ar de amor,
e uma abelha vai mamando
nos seios da fresca flor.

Alucinação

ÊLE (*deixando de a abraçar*)

Eis-me de volta. Nunca passei um tempo tam cruel como êste. Dir-se-ia que esta ausência não acabaria nunca, e com éla uma grande saudade que alivio no teu seio neste tam longo abraço. Não sei como pude viver todo êste tempo sem ti, sem te ter ao pé, ainda que sempre no meu pensamento andaste. E' uma coisa bôa o pensamento: traz sempre ao pé de si a pessoa que estima, a pessoa que deseja. Não a vemos, mas é como se a víssemos, não a ouvimos, mas é como se a escutássemos. O seu torso continua nos nossos olhos, a sua voz repercute-se nos ouvidos. Até o seu tacto parece que nos toca. Até o seu hálito parece que nos perfuma. A saudade foi feita, criou-se pela necessidade da nossa conservação; sem éla os corações morriam de paixão. Não perdi o amor

que te tinha: e até, pela primeira vez, senti os incisivos dos ciúmes dentarem-me o coração. Eu, que nunca senti zêlos contigo ao pé, lonje, quase não era outra coisa que eu sentia. E demais nunca eu dei aso a mim mesmo a que te julgasse por mim. Entre o meu último abraço, que a minha despedida te deu, e êste que te acabo de dar, não houve nunca braços que me abraçassem, nem bôca que sentisse a minha. Devia-te julgar por mim. Mas não sei o que é que me não deixa o sentido sossegado nesta idéa. Abraçava-te e beijava-te há pouco e contudo parecia sentir entre nós dois, outros braços que tinham deixado indícios, vestíjios no teu corpo. Dir-se-ia que a inquietação é tam própria da alma humana como dos mares. Conheces algum mar sossegado? O mar parece feito de corações vivos.

Calas-te? Dir-se-ia que desde te deixei até agora, nunca mais se abriu tua bôca e que um silêncio penitenciário te matou a língua. Habitaste-te a falar comigo só com o pensamento? Ou efectivamente um arrependimento, um remorso, uma culpa se atravessa entre nós dois? Fala! Por cima da minha dor quero ao menos sentir a verdade a quem amo mais de que a ti, agora que te supponho da verdade desligada. Não te obriga a mentir. Procuro uma verdade

de que a minha alma desconfia. Qual a minha razão? Não sei. Talvez firme o seu pé nesta ausência, que só uma grande saudade pôde medir. Mas fala, porque se não falas, contas-me tudo no teu silêncio. O silêncio dos vivos diz tudo; ha bôca, ha língua, ha idéa, ha sentimento, ha palavras, ha confissão. Só a bôca dos mortos, ainda que com língua, glote, dentes, palato e lábios não mexe, porque os mortos nada teem que dizer aos vivos. Não há idéa ou sentimento que orijine uma oração, sequer. A gente ausenta-se, uma saudade agarra-se-nos. Mas uma idéa diz-nos que uma seara não parou de dar semente porque se lhe ausentou o proprietário. Nunca se é dono do coração de uma seara. O coração pertence ao peito com que nasceu, não é coisa que se tire do seu lugar sem se lhe tirar a vida. ? Deixa a primavera de se fazer primavera porque alguém, que a amava, se esfriou e arripiou e tiritou no inverno de dias ausentes aonde só chegava o calor enublado da saudade? Aonde chegava, é certo, mas que mal aquecia. Se calas, tudo sei, e só tenho a sair e nunca mais tornar como se uma morte, peor que todás as mortes, houvesse cavado abismos por entre os nossos pés. Eu gosto de ti comó uma estrêla deve gostar dos espaços, e nesta minha ausência nunca estiveram ausentes as sauda-

des por ti. Mas calas, como se a bôca só para comer te servisse, mas tremes os lábios como se a língua escaldante os não aquecesse; mas, os teus olhos agarram-se às tábuas do chão como se quisessem rasgar precipícios, mas as tuas mãos enclavinham-se como se esmagassem idéas que não quisessem voar, o suor lava-as assim como a teu rosto, as lágrimas aparecem-te como pedacitos de espelhos onde o sol bate em chapa e por isto lampejam reflexos que cegam, brasas que queimam; mas o teu torso não se tem alevantado, erguido como a dignidade, e parece quebrar-se, estalar como vidro quente que o álgido vento corta. . . Não caias, os meus braços te sirvam de amparo. Não se te quebre a fronte nalguma queda; basta-me sentir-te o coração afogado por essas duas ondas em cujo enseio o meu sonho passou dias a contar e a perder-se na conta, e a tornar a contar aqueles tantos e tantísimos beijos que a minha bôca te dava como se outra coisa não tivesse mais a fazer no mundo. Não fales, portanto; já sei tudo. No silêncio conhecem-se as flores pelo perfume. Calas; mais de ti emana uma confissão geral. Dir-se-ia que toda a tua atitude são palavras que descrevem, sinais que pontualizam orações, reticências que suspendem, nas suas asas que pairam alto, sentidos inacabados, ver-

gonhas escarlates, incêndios de pudores... E uma labareda não me queima e some com a minha dor! Uma língua de fogo não me lambe o cérebro e mo não põe em cinzas! Ainda se pode viver depois de uma tam grande saudade e depois de uma dor que não ha espaços que a contenham, nem tempos que a diminuam! Ainda na vida — minúscula taça para lábios de criança — se pode libar e beber gota por gota a mágoa que torna instantes como séculos! És como formigueiro, coração. Os teus sentimentos esburacam o interior da terra onde se architectam quartos para uma vida laboriosa e feliz e vem um pé — pisa o formigueiro e o desfaz, dá sobressaltos aos sentimentos que ficaram vivos, soterra os mortos, e o pé que fêz isto, numa parte do seu passo, insensível, alheio àquela dor imensa, continua a andar, a correr, conduzindo muitas vezes a alegria. O meu coração e peito, tudo tambem se acachapou como ilha seca de tanto sol se comprime e fecha a sua meia casca de ovo. Choras? é um desabafo. Eu não choro, e alguma coisa saída das brasas me queima o cerebello. Dir-se-ia que uma brasa cruel me brinca e saltita dentro do crânio. Dir-se-ia que é meu crânio como rochedos onde escachoam vagas que escaldam, labaredas com a forma de ondas, ondas com a alma de labare-

das. E no meio de tanto labirinto não há uma idéa que sossegue, um raio de sol que desdobre a sua columna de poeira de luz. Parece que trevas, grandes como as noites fazem luto sobre um cadaver. Julgo que a luz me rodeia, mas não a vejo, as janelas da minha vida fecharam-se herméticamente, e de tal modo, que não mais eu verei a luz do dia. O ciume acertara a sua pontaria; o que elle não sabia é que me traspassava tambem a alma.

(Um silêncio profundo sepulta a sua alma. Dela as suas lágrimas correm tanto e tantas — glóbulos rolando — que se diria serem os mesmos olhos desfazendo-se. Cada mão dela procura, na outra, esconderijo, enterrar-se, encarnar-se, desaparecer, sumir-se. Os seus braços são cordas contorcidas, aspirando a entrançar-se um pelo outro. Os cabelos, já todos caídos, parecia que a embrulhavam toda numa longa noite de chuva de trevas. O lábio inferior ensarçadado, gretava-se sobre a pressão dos dentes superiores. Dos olhos ao mento havia sulcos que as lágrimas deixavam no seu piso, ora saltitante, ora corredio. Os pés calçaditos, como enluvados, não perdiam a sua vida, eram como se os vissemos descalços — um pisando o outro já de si tor-

cido ; era o pé direito — dir-se-ia contendo uma idéa contrária à do outro pé. Nenhum raio de sol entra pelas janelas, há lá em cima um nimbo que o ensopa ; nenhum trino de aves estremece aquele silêncio ; nenhuma essência de flor desperta aqueles sentidos. Éle, filtrada por séculos uma profunda mágoa que alguns instantes julgam percorrer — levanta-se, procura equilibrar-se dentro das suas tonturas e vertijens como a evitar-se — cair dentro de si mesmo — e tenta andar, consegue-o encostado pelas paredes, apalpando-as como se a escuridade da sua alma não estivesse só lá dentro mas também o rodeasse. Prósimo à porta, abre-a e vai a sair.)

ELA

Não vás, rogo-te. Eu conto tudo. Nada adivinhaste. Vai-te, mas vai-te com a verdade. Sem ela ninguém pode viver. Escuta.

(A êle a sua voz dela parece vivificar, galvanizar-lhe o esqueleto, alentar-lhe o ânimo. Parecia-lhe a êle que se abrira um túmulo, e que alguém saíra dêle, se elevava por instantes da morte e que em nome de qualquer coisa grande, quase ilimitada como a hereditariedade, ia por aquela bôca

*hiante expelir ar pelo qual palavras rebo-
lando, como ondas, conduziriam sentidos,
ainda que distantes como estrêlas, com-
tudo com a luz das mesmas estrêlas. De
pé e grande como uma idéa grande que
salvasse a humanidade — começa a falar
e as palavras mexem tanto aquela bôca
feita de brasas e aquele corpo onde se di-
ria a carne desaparecera para só se verem
rêdes de nervos titilando-se trocas de ir-
requietas impressões.)*

ELA

Escuta, repito. Foste-te embora, o que quer dizer que a vida se me sumira. Vivi como louca. Nos primeiros tempos, falava contigo alto, e calei-me quando percebi que tu me não respondias. Supuz-te morto e só vivi dentro da minha saudade, que percorria pelo mesmo caminho da tua. Mas parece se não encontraram, porque nunca acertei que tu pudesses viver de mim separado, sem que a morte te torcesse, ou pelo menos, sem que a loucura te varasse. Eu estava louca e cria-te louco. Sonhava como deve sonhar nos espaços o astro que os percorra cheio de incêndios e luz, de movimento e loucura. O meu corpo não podia viver sem ti, E uma noite julguei-me feliz, su-

puz que eras tu que se debruçava pelo meu seio no tálamo onde desfolharas as primeiras hastes. Mas vem a manhã, o sol desperta-me a me beijar e dentro do meu espanto vejo que não eras tu o senhor e escravo da minha carne, mas outro que eu supusera tu. Uma faca de papel que eu conservara áa véspera para rasgar as fôlhas de um livro que me parecia falar de ti — uma faca de oiro entre estas duas mãos como um raio de sol entre duas ondas — cravou-se-lhe no coração do infame que despertou para morrer.

Esse infame era o teu maior amigo — era o teu irmão que contigo tanto se parecia naquela noite de alegrias, naquela manhã de horrores. Julguei que eras tu e dei-me supondo-me tua. Um engano, mas um engano que nos matou a felicidade. Um sonho que me incendiou a ventura de que já não sei das cinzas. E' isto a honra das mulheres, até mesmo das que amam como eu te amava, como eu te amo, como eu te amarei. Um engano que me rasga o peito em gargalhadas, que me apunhala o rosto em loucos risos. Tu não fizeste o mesmo porque te não enganaram. Eu esperava por ti e quem espera por alguém, qualquer coisa que seja que se lhe apossime, supõe ser logo a pessoa que deseja. Eu desejava-te tanto que no

linho dos lençóis eu sentia a tua bôca fresca, no apêrto do linho em que espartilhava o corpo, julgava o teu torso apertado ao meu, e na febre dos meus nervos eu supunha o calor dos teus. Andava assim. Se ia à janela e via alguém tinha-me que afirmar para reconhecer que não eras tu. Eram os meus olhos que te tinham e te sonhavam presente e em tudo que vissem te julgavam ver, e vê-se afinal que só se viam a si mesmos. A loucura em que eu vivi por ti, alguém a quis aproveitar para a sua covardia e a trocou pela sua vida. E' uma lama que nem se devia enterrar, que se devia deitar para fora da Terra — a traição. — Imagina tu que eu te aparecia, a tua saudade voava como fumo e o teu corpo encontrava-se tanto no meu que mais nada vias do que a mim mesma. E imagina que nem uma luz por mais ténue te alumiaava os olhos, e imagina que até o perfume do meu corpo te dizia que era eu, imagina que me encontravas numa noite de sonho e desejos e carinhos e que uma manhã, horror! desvendavas o engano. . . imagina e imagina uma realidade dentro de um sonho e quando acordares suporás que nunca dormiste e que nunca paraste de sonhar. Fui enganada. Eu não pequei. Um acto deve ser ligado à idéa que o orijinou. Se o fisesse contigo eu não pecava ; era contigo.

Enganei-me. Iludi-me. Só vi os meus desejos e eu supus-me alheia a infâmias. Nunca se calcula traição igual. Mesmo quando os nossos sentidos nos enganam, supômos sempre ter encontrado a verdade e o amor — e por fim aparece tudo ilusão que se desfaz. — ?Tu condenas mais quem mandou assassinar — exemplo, um general ou o inconsciente soldado que assassina para que o não assassinem, ou o mesmo general que lhe deu a ordem ? Peguei numa taça, supus que matava a sede, e envenenei-me. Na côr de um veneno vi a luz de um elixir. Não me arrependo, porque não pratiquei o mal porque o quizesse; não te peço perdão, porque o não devo. Os crimes do passado — e eu tenho sofrido tanto que julgo que vai grande a distância, não admira que assim julgue, sou mulher, e a mulher até hoje tem sido a escrava — são do passado e não de quem os pratique como vibrado instrumento. — Também não mais quero viver contigo. Se iludi os sentidos supondo-te o outro, não mais — porque o matei — quero encontrar o outro em teus abraços. Já que a ilusão me perdeu não quero que outra ilusão me encontre perdida. A experiencia impõe-se; e quando ela se vincula em nossa alma com as estacas das grandes dores, a memoria não tem covas onde as olvide. A dor não é sulco ris-

cado nas águas. Rasga as carnes e o sangue jorra. E em cada glóbulo de sangue rola uma onda de vida. O infame arrancou-me mais do que a vida, arrancou-me o sossêgo. E eu vinquei-me e fui bôa. Arranquei-lhe só a vida. Dormia ; um fio de sangue e continuou a dormir. Se estava tranqüilo, tranqüilo ficou. Se sonhava, apagou-se-lhe o sonho, como êle a mim mo apagou. Se cada pessoa, que dá a morte por querer, por dever e até por prazer, encontrasse a morte, esses ruins deveres se deixariam de cumprir. E no meio de tudo isto o maior padecente fui eu. Tu não tiveste ninguem que te iludisse, foste puro e vens puro; deixaste-me pura e vês-me lama. Já te não posso mais mergulhar nas ondas do meu peito porque te conspurco de lodo. Êste corpo que te tinha entregue, este corpo que tam envolvido vivia numa teia, num véu todo feito dos teus beijos, já nos teus olhos se não encontra, ja no teu pensamento não vive. Adeus. Até nunca mais. (sai. Êle senta-se. E o pano corre.)



À minha irmã

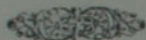
Nada há mais fraco e forte
que nos faça viver ou nos fira de morte,
mais fôrça empreste e só num olhar, rosicler,
do que a espôsa, a irmã, mãe, a filha — a mulher.
Até nos pode f'rir sem nada nos dizer,
pois há gestos de-cor no mimo do seu ser.
E não nos sai da vista, andamos sempre a vê-la
dentro do nosso olhar, mas de nós lonje: é estrêla

.....

Tira o engano da vida e a sua côr etérea.
inunda antes o olhar nos choros da miséria;
põe todo o coração na mágoa que amargura
tanto ideal na terra e tanta criatura
? Julgas que a vida toda é bela como a tua?
? Não vês que não tem pão quem noite e dia súa?
Ser rico é ser gatuno, honrado é quem não come.
na pedra dêsse anel luzem mil pães da fome.
Per'las do teu colar são agres 'statuetas
onde empalece a morte em brancas violetas.
O tecido que veste o teu busto de fada
os setins e veludo onde estás abraçada,

custaram tanto chôro e dor's e morte ta.ta
que não podem vestir a mulher alma e santa.

Pois por ser's minha irmã eu logro o casto gôsto
de ser's a minha irmã e ter's mui lindo o rosto ;
mas inda mais que o rosto eu qu'ria tam sòmente
tivesse o melhor — um coração de gente.



SAPE !

Não te quero, ó gata! Sapa.
Se por ventura, repara,
eu precisasse de mapa
tinha, bem vês, essa cara.
E, crê, para tal efeito
não há mapa tam perfeito.

A minha filha

Um ano dura já a tua vida,
oh ! bonina
tamanina,
por quem deliro,
dura menos uma flor,
inda menos um suspiro
— mais vive a estrêla
do que os olhos a vê-la ;
e viverás contente
quando os meus olhos já não sofram pranto
silente ;
mas viverei ainda
e mais
na tua vida linda,
nos ais
do teu amor,
flor.

TRISTE

Eu te agradeço, ó luz, pois me rasgaste os olhos,
ó luz, eu te abençoo, ó sol, eu te bemdigo,
tu hás no meu olhar um forte e grato amigo,
porque mais do que meus, da luz são os meus olhos.

'Stá a luz, luz do sol, luz de oiro, flavos molhos
dispersos pelo ar e p'lo doirado trigo,
p'los espelhos do mar, p'las águas de perigo,
pelos oiros da flora auriluzentes fólhos.

Se a lua me alumia inda é à luz do sol
que abençoo e bemdigo os arjenteos arminhos ;
minha pena, ó quem dera, ó luz, de mim se evol' :
pois me trazem pesar haver tantos ceguinhos.

Tua bôca

Quando os meus olhos te pus
chisparam luzes ardentes
deixando-os quase ceguinhos ;
cada dentinho — uma luz,
muitas luzes os teus dentes,
— era o sol aos bocadinhos.

ENVEJA

Aí passa o viadante pela estrada
embebido na luz que à lua empresta
o sol que assim transborda a noite em festa
toda em mantos de lírios enroupada.

E passa como outrora alma encantada
alheio à dor do mundo que o requeixa
porque é dor a que ao peito a enveja infesta,
língua que se mordisca empeçonhada.

E em tal se embebe e mata da peçonha
quem só se morde a si e mais ninguém,
não contamina o que caminha e sonha

e encara a luz, o ideal 'scondendo ao fel
vai pelo mal passando altivo o Bem :
distráida é que a abelha faz o mel.

Noite perdida

Eu me sinto cansado em magos beijos
te dar e toda a fôrça se me pára,
se o cansaço não torna não parara,
só parara cansados teus desejos

? Recordas os nocturnos rumorejos
serem lá fora bastos quando a ara
a que eu rezava, a tua pel' tam clara
se tinjiu no carmim dos róseos pejos?

E- agora é tam calada a nossa rua
tam quieta e doce e triste, e era contente . . .
Olha e repara toda prata a lua . . .
Como tanto sonhar se nos consente

.....
Ah! a minha alma a voar de abraço à tua.

.....
'scuta o galo, amanhece róseamente.

INEVITAVEL

Emília o nosso amor não continua
lá ao deante como até agora,
que a tua linda trança côm de amora
minha alma rasga de saudade crua,

Preciso eu ter tua alma forte e nua
do preconceito mau que a def'rora,
é preciso inundá-la desta aurora
que no meu terno coração flutua.

E' preciso que tu me queiras forte
como às suas raízes quere a rosa,
é preciso que à minha triste sorte

uma pausa se ponha maviosa,
pois nos queremos tanto e tanto e tanto
hemos subir ao céu por nosso encanto!

NÃO FUJAS

São os teus belos olhos clara mira
por aonde entrevejo o meu futuro,
aclara-me na alma o afecto puro
que na luz dos teus olhos se ferira.

Eis a causa do poeta que suspira
se a vida em teu olhar eu não amuro,
eis tímido motivo em que torturo
meu forte peito que por ti aspira.

«Do coração tão perto qual da vista»
fala o crédulo povo em rumorejo —
mas nisto o povo erra como artista

de cuja mão fugiu audaz desejo ;
pois quanto menos meu olhar te avista,
é quanto mais em meu amor te vejo.

REMÉDIO

Pois como está provado que o ricoço
não o é por proprio esforço mas alheio,
de nivelar as coisas tenho um meio
que serve para o tempo e para o espaço.

Provado claro está que qualquer passo.
que a vida faz sem mêdo e sem receio,
deve-o à ciência só. — audaz enleio
que sonha do trabalho no regaço.

Acaba-se co' a gente desvalida,
acabando tambem com o resfol'gar
dos ricos que ferem doce lida;

há trabalho sem triste a mendigar
e sem rico a viver da pobre vida —
é pegar no dinheiro e dá-lo ao mar.

QUE IMPORTA

Toda a gente me diz : que demo é isso ?
«que é o que êsse peito trémulo te encerra ?
«que olheiras há você ? surjiu da terra ?
«em você entraria algum feitiço ?

«Parece se mudou o seu toitiço,
«ou que o juizo dele se desterra,
«pois sempre doido à mesma idéa aferra,
«furta de outras idéas o seu viço».

E afinal só eu sei o que isto seja,
sei bem por que pareço aos outros mouco
e mudo como um louco muito louco ;

não se me dá que ao mundo até pareça
quem só põe o viver no que deseja,
pois só para te amar tenho cabeça.

DEUS

? Sériozinho, pois tu crês no deus? Ora!
não acredito creias, não acredito,
melhor é dar o dito por não dito,
já que a idéa de deus te não namora.

Deus não existe quer na luz da aurora,
quer no luar, no sol, quer no infinito,
olha-o qual vélha lenda ou escuro fito
de quem pensar não quiere um quarto de hora.

Qual crente relijiosa estás batendo
ainda nesse peito onde te pisa
— disseste — o mago deus; vá lá, me rendo:

se é no teu claro enseio que deslisa
e quer's o veja tal o julgas vendo
despe o corpete e vá — despe a camisa.

A LEI

Se ao nosso coração a lei pérfida obumbra,
e a luz do amor apaga aos fortes namorados
? será que ao pé da luz dos entes adorados
se escurece o seu cérebro em negra penumbra?

Porém se ao coração o espírito deslumbra
com a aurora do ideal dos prazeres sonhados,
é quanto os corações de amantes revoltados,
podem falar do sol o fogo que os ressumbra.

Se amar-nos é p'ra nós a maior das riquezas
feitas de uma ilusão que obriga o rouxinol,
das flores a cantar as cândidas belezas,

não amarmos é ter da mortalha o lençol;
amemo-nos, emfim. ? Invejam-nos torpezas ?
corpo que sombras faz reveste-o a luz do sol.

EMILIA

Não sei p'ra que eu julgar Emília rara,
não sei p'ra que sentir amor tam doce,
se dela o amor gentil se não declara;

pois nem uma alegria inda me trouxe
à vida que pela sua se encantara
com um abraço, um ósc'lo só que fosse!

E' por conta do amor que, vê, te adoro,
em nome de um filinho que me pede
à natureza inteira aonde moro,
onde faz a verdade a sua sede.

As leis vigoram qual o meteoro
que no imenso aparece e se despede,
tam simples como a gota cai do poro,
tam simples como o olhar o espaço mede.

A uma feia

Sem mistério
isto é sério.
Não engano
sou humano:
és deidade
dêste amar;
é condão.
Eu só minto
quando sinto
a vontade
de enganar,
o mais não!

Desalento

Como se apaga a luz se foi o riso,
que em sua bôca linda se bordava,
agora já a vida não se entrava
na desolada estrada onde deslisa.

Já do rosto com quem eu simpatiso
não olha o seu olhar que doce olhava
meu olhar onde amor a cativava,
qual se lhe fosse aberto o paraíso

? Para que faz tam dúlcida donzela
que a minha vida à sua a prenda ela,
se dela a sua em nós não fica presa ?

? Para que serve tam brilhante engano
de finjir-se no amor gentil firmeza
se o peito ha de rasgar-se em desengano ?

NÃO SEI

Palavra que não sei o que isto seja,
não te encontro por mais que te procuro,
te julgo sempre ver o olhar, e apuro
que não to vejo ainda que to veja.

Parece que a razão me não sobeja
por mais que ela sobeje se afiguro
o teu olhar por mais ao meu seguro
e tanto quanto a alma mo deseja.

Por sobejar-me em barda tanto siso
não sei o que me tanto a mim espanta,
se te vejo se faz a bôca em riso

se não te vejo, quanto me é preciso,
como que choro tanta gota e tanta
que a falta do juizo me ataranta.

Imprecação

Miséria, tu não dás o pão à gente,
miséria, tu não dás o pão de encantos,
miséria, o teu trigal não cria santos
que te adorem, e estulta e piamente,

Miséria atroz, mãe vil de crime injente
que molha o puro olhar de líneos prantos,
és tu, miséria, o rol de males tantos
que foje, sai da vida descontente.

Tu és a fome atroz que mal conselha,
à vida de outrem o ódio a ser prudente,
não has gentil razão, mas vil, vermelha,

que o bem no peito humano não consente
e escalda o torso e o roe de invidia vélha,
miséria, vai-te embora eternamente.

De asa livre

1

Cada dia me procura
logo p'la manhã mui cedo ;
e como êle me amargura
fecho-lhe os olhos com mêdo.

2

E's cega de olhos abertos
— levaram choros a luz —
são olhos da luz desertos,
mas o teu olhar seduz

3

E tu de olhos apagados
vês mais pela noite escura
do que os olhos alumiados
p'la luz de enteira ventura.

4

Com essa luz não há olhos
que anoiteçam em cegueira,
porções da verdade, aos mólhos,
dão-lhes vida verdadeira.

5

O teu clarão é um monje
em 'scuras celas desperto ;
há cegos que vêem lonje,
há vistas que vêem perto.

6

Com essa luz tudo mira
quem nos olhos não tem luz ;
são de olhos cegos a mira
da razão que a todos luz.

7

Tanto mexeram teus dedos
olhos que estavam chorando,
que dos olhos foi-se a vista
e os dedos está molhando.

8

Amo a camélia e o deserto,
amo a lua e o teu olhar;
e quanto mais de ti perto
mais vejo os olhos sonhar.

9

Olhos tam belos — quem olha?
tam belos olhos — quem nega?
é flébil mágoa que os molha,
é a muita luz que os cega.

10

Eu toda nua te qu'ria
como te quero vestida,
e a vestir-te com meus beijos,
eu levava a minha vida.

11

Os teus seios querem leite
todo feito dos meus beijos,
uma boquita a mamá-los
rosadinha como os pejos.

12

E bôca tam pequenina
que lhe ao pé grande não seja
um qualquer botão de rosa
ou pequenina cereja.

13

Tu me queres só por sonhos
pois em sonhos só te casas ;
mas nosso amor é um sonho
que à verdade pede asas.

14

De maneira que se queres
o que neste peito ábrigo
oh ! não, não sonhes sózinha
ou então sonha comigo

15

deitadinha no meu leito,
no leito toda estendida,
toda juntinha ao meu peito
dando a vida à minha vida.

16

Sonha-se então mais ardente
porque é sonhar a sorrir ;
são mais sonhos êstes sonhos
do que os sonhos a dormir.

17

Êstes sonhos que no leito
sonhamos quando sózinhos,
nem dos sonhos tem o jeito
de dois peitos chegadinhos.

18

Se te beijo estou sonhando,
e a sonhar quando te beijo ;
sonho sempre mesmo quando
se me acabou o desejo :

19

Quem ama sem ser amado
bem parece a deus amar ;
muitas rezas e mais rezas
sem o amado s'importar.

20

És muito linda por fora
pareces ter coração;
mas, não passas, coitadinha
de uma bola de sabão.

21

Tens por fora lindas côres
por dentro o ar da verdade;
e como a bola iriada
vai-te, não deixas saudade.

22

E não quiere o pai que a filha
como espôsa seja eleita;
não deixa o botão de rosa
tornar-se em rosa perfeita.

23

A saudade me namora
se de olhar-me tu me deixas,
e a amargura sem demora
enche-me o peito de queixas,

24

e se queixa do meu bem
ou do mal que bem me quer',
se queixa que não me vem
a ventura da mulher.

25

Seio de pomba onde ao de leve
mergulham ondas do mar,
são só duas e de neve
mas demais p'ra naufragar.

26

Êsses teus olhos espelham
quais brasas que pestanejam
a olhar os ares em roda
queimando os olhos que os vejam.

27

Bôca aberta — parvoíce,
e caída — dor imensa;
uma de quem sofre muito,
a outra de quem não pensa.

28

O sino da minha aldeia
pôs-se uma vez a tocar,
parecia que uma ideia
o dispunha a badalar.

29

Se estou à janela e passas
vejo-te olhar para cima,
fazes de homem que namora,
eu de mulher que te estima.

30

Os sorrisos são bordados
que a alegria põe no rosto,
eu não tenho bordadeira
que me trabalhe a meu gosto.

31

O amor que me não quiseste
já poisou em outro olhar;
agora amo quem me quer',
sou feliz em não te amar.

32

Ando à espreita dos teus olhos
a ver se me querem bem ;
se me querem como os quero,
eu não quero mais ninguém.

33

Esta mulher me recorta
a vida em duas metades ;
uma abalou-se-me da alma,
noutra moram-me as saudades.

34

O não ser amado e amar
são dois espinhos na flor ;
o espinho — não ser amado,
o espinho — do seu amor.

35

Meu amor se desespera
de a mim tanto me esperar,
que me espere que não 'spera
quanto me fez esperar.

36

Trago o chapéu na cabeça
na aljibeira anda cotão,
as meias trago-as nos pés
rôtas de dar ao tacão.

37

Cautela e caldo e galinha
recomendam-se aos doentes,
e por mais que me acautele
sempre me enganas e mentes.

38

Enterra-me, doce bem,
com a tua linda mão,
são meus sonhos — um entêrro
cadaver meu coração.

39

Essas rosas quem tas pôs,
quem tas pôs assim tam bem ?
foi de alguém certo pudor
ou pudor que tens de alguém ?

40

Porque o matiz dessas rosas
é um matiz tam bonito
que eu estou sempre a fitá-lo,
mesmo até quando o não fito,

41

Eu bem sei que te não luz
esta luz do meu pensar,
que no céu que tenho em ti
vejo o sobrolho a zangar.

42

Me não amas que não quis
num tal Deus acreditar
como se o deus fosses tu
a que eu não quisesse amar.

43

Que é deus? anda, vá, diz lá
que tanto a fronte te mõe,
é heroi do doce bem?
ou do mal é que é heroi?

44

Se êle é todo-poderoso,
por que o diabo pode tanto ?
ou será que deus no demo,
vê dos santos o mais santo ?

45

Ouve bem o que eu te digo,
escuta bem o meu falar,
para que o céu que em ti vejo
eu não veja anuwear.

46

A sciência fê-la o demo
para de deus dar-se cabo,
e tanto que deus agora
é levado do diabo.

47

E levadinho da breca
e da breca levadinho,
o deus bateu na careca
do diabo, no corninho.

48

e de tal maneira o fêz
e de modo tam inf'liz
que no cu do tal diabo
esborrachou o nariz.

49

E' por isto que não luz
à doce luz dêsse olhar,
esta luz que me alumia
e te faz sempre zangar.

50

Palavras o vento as leva
a saudade na alma fica
falar é escrever na treva
escrever é falar na escrita.

51

È se eu pusesse por escrito
o que na alma me caminha,
tirava os olhos do fito
ficava a alma sózinha.

52

Quero a alma acompanhada
para caminhar direita
segue a estrêla a estrêla amada
e a minha alma a ti sujeita.

53

Casei. Depois separei-me
apesar do nó da igreja.
O nó por mais que se teime
só o dá quem o deseja

54

Quero o calor dêsse olhar
e dessa bôca tambem ;
mas tu tens, noutro lugar,
o melhor calor, meu bem.

55

Minha bôca quere a tua
e a tua não já a minha,
pois se ma quisesse vinha
beijar-me mesmo na rua.

56

A lua já tem olheiras
por de noite não dormir;
tu também trazes canceiras
por ao pé me não sentir.

57

? Por que ir um raio de sol
meter-se no teu leito?
? Não tem ciúme o lençol
de que te queimem o peito?

58

Não tem mais calor o sol
do que sinto no meu peito;
e se gostas, tens lençol
de mais calor no teu leito.

59

Lua de mel não é lua
que me possa a mi banhar;
casei-me à porta da rua
e fiquei-me sem luar.

60

Que calor no leite os dois,
e sempre assim, quem me dera,
de França vinha depois
um lindo néné, pudera !

61

Gostava ser espartilho
para apertar o teu peito ;
ou então ser um teu filho
e sempre a mamar sujeito.

62

Havia de beber tanto
o luar dêsse teu seio
que ficavas aborrida
e ficavas, ora eu sei-o

63

Depois me davas açoites
por estar sempre a mamar-te
e a fazer-te perder noites
passeando por toda a parte.

64

? Ha igual amor-perfeito
ao que vive em seu jardim?
Pois tem-no aí no peito
e faz tal pergunta a mim!

65

Vi petiz tam pequenino,
um pouco mais do que um palmo,
estender a palmazinha
a um homem forte e calmo.

66

Homem de grandes dinheiros
todos feitos co'o suor
pelos que trabalham sempre
sem passaram do peor.

67

De camisa sem brancura,
de corpinho todo ao léu,
lhe pedia uma esmolinha
por amor de deus do céu.

68

E o deus sem amor, e o céu,
sem deus, só feito pelo ar;
torceu o nariz o rico,
que se pôs a praguejar.

69

«Demónio, ha tanto pobre
neste mundinho de Cristo,
que é preciso sem demora
acabar de vez com isto.»

70

Eu tenho ouvido falar
que o pranto os olhos desluz
não chores, Emília, não chores,
que apagas a minha luz.

71

Essa luz do teu olhar
é luz que me alumia,
sem o sol não tinhas vista,
sem a tua eu não te via.

72

Tu agradeces ao sol
essa luz do teu olhar ;
aos teus olhos agradeço
me estejam a alumiar.

73

A agua a bater na luz
apaga-a, pois, certamente ;
? e ás escuras como vias
o nosso querido inocente ?

74

Tem cautela, pois, co'os olhos
não os deixes mergulhar
nesta saudade profunda,
mais funda que o fundo mar.

75

E sem olhos de luz não
se pode estar a ver luz ;
quem admira não conhece
o que ao espanto o conduz.

76

? Acaso o cego aprecia
o sol que é feito de luz ?
não pode porque não vê,
e ver e olhar é ter luz.

77

Nossos olhos são da luz
qual dos ouvidos cantar,
olfactos são dos perfumes.
o tacto e gosto do ar.

78

Todo o ar que respiramos,
pelo qual somos ouvidos,
se gosta, se ouve e cheiramos,
foi que nos fêz os sentidos.

79

E o ar e o sol que o respira,
é doce estrada de luz,
do sabor, som e perfume,
que a contacto se reduz.

80

Por isto eu ponho no ar
que refresca a minha fonte
mil beijos do coração
p'ra que tos ponha na frente.

81

E o ar, sim, estás a ver,
não faz recados, pudera,
mas, por favor te abraça,
assim como eu te quisera.

82

Nesse ar que te abraça estão
mil abraços que eu lhe pus,
deixa que os ares te abracem
deixa que te beije a luz.

83

Sem o ar não há saudade
e a minha saudade é ar,
todo o ár que nos rodeia
e nos fica a separar.

84

E' uma saudade tam grande
que em beijos envolve o mundo ;
a parte de ar que te aperta
sai do meu peito, do fundo.

85

Não chega o ar todo a ti
porque é muito — só um tanto.
E tu não vives sem ar,
e com saudades, portanto.

86

? Queres apostar comigo
uma aposta sem dinheiro ?
? que os dois a beijar consigo
do que tu ser mais ligeiro ?

87

E até vou mais ardente
neste dólcido apostar :
? inda que beijes fermente
sempre te passo a dobrar ?

88

E se êrros houver e ensejos
faz-se, já vês, uma emenda:
torna-se atrás, dando beijos —
? quer's desmanchar a contenda?

89

Da gente de cada terra
trago uma recordação:
e de nós alguma encerra
por acaso um coração?

90

E nós amamos aqui,
e nós amamos além;
e a virjem, noiva de um dia,
depois de dias, é mãe.

91

E são meus filhos os de outrem,
que eu não sei quais são os meus,
porque uns tem olhos de amora,
porque outros olhos dos céus.

92

E se os meus olhos são escuros
desce todo o céu aos d'ela;
se olhos pretos são meus filhos,
os azuis são filhos dela.

93

Os brancos, como os de hiena
ou olhos de um verde mar,
digo — inda que sinto pena —
não os pude nunca amar.

94

Agora olhos azuis,
ou mesmo pretos de amora,
são os olhos dos meus olhos
— noite escura e loira aurora.





